



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DO PANTANAL
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ESTUDOS FRONTEIRIÇOS**



RAMONA CATARINA ORTIZ DOS SANTOS

**MUSEOLOGIA E FRONTEIRA: O PAPEL DO MUSEU DE HISTÓRIA DO
PANTANAL (MUHPAN) NA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA FRONTEIRIÇA**

Corumbá/MS
2023

RAMONA CATARINA ORTIZ DOS SANTOS

**MUSEOLOGIA E FRONTEIRA: O PAPEL DO MUSEU DE HISTÓRIA DO
PANTANAL (MUHPAN) NA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA FRONTEIRIÇA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Mestrado em Estudos Fronteiriços da Universidade
Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal,
como requisito parcial para obtenção do título de
Mestre.

Linha de Pesquisa: Ocupação e Identidades
Fronteiriças

Orientadora: Prof. Dra. Lucilene Machado Garcia Arf

Corumbá/MS
2023

RAMONA CATARINA ORTIZ DOS SANTOS

**MUSEOLOGIA E FRONTEIRA: O PAPEL DO MUSEU DE HISTÓRIA DO
PANTANAL NA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA FRONTEIRIÇA**

Defesa de Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre. Aprovado em ____/____/____, com conceito_____.

BANCA EXAMINADORA

**Orientador (a): Prof^ª. Dr^ª. Lucilene Machado Garcia Arf
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)**

**1º Avaliador (a): Prof^ª. Dr^ª. Mara Aline dos Santos Ribeiro
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)**

**2º Avaliador (a): Prof. Dr. Divino Marcos de Sena
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)**

Dedicatória

À minha família, especialmente ao meu esposo e grande incentivador, Denilson Almeida dos Santos, por exatamente tudo.

MEU CORUMBÁ

“Amo esta terra em que nasci.

Quando eu morrer, serei terra nesta terra, e sobre meu peito plantem um Flamboyant...vou tornar-me em flores e bagas, vou ouvir risos de crianças brincando.”

“Amo a minha terra

Tanto e de tal maneira

Que ainda depois de pó,

Balançarei ao sabor do vento,

Palparei as palmeiras da avenida...

Seu casario velho...

Pousarei no rio, nos camalotes,

E de bem perto, ouvirei o murmúrio das águas.”

Fadah Scaff Gattass

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Mato Grosso do Sul por proporcionar, com excelência, os meus estudos.

À Professora Doutora Lucilene Machado Garcia Arf por todos os ensinamentos e sempre estar presente todas as vezes que precisei.

À Professora Doutora Mara Aline dos Santos Ribeiro pelas observações construtivas ao longo deste trabalho.

Ao Professor Doutor Divino Marcos de Sena, pela amizade e gigantesca contribuição na minha formação enquanto profissional na área de História, pela paciência em me ensinar com amor a História Regional e inúmeras contribuições ao longo da minha vida acadêmica.

A todos os professores do curso de mestrado, em especial ao Professor Dr. Marco Aurélio Machado de Oliveira e ao Professor Dr. Edgar Aparecido da Costa.

Ao querido amigo José Gilberto Rozisca e amadas Livia Galharte Gaertner, Marcelle Saboya Ravanelli e Lauzie Xavier, pelas conversas e vivências acerca do Patrimônio Histórico e Cultural de Corumbá-MS.

À Prefeitura Municipal de Corumbá/Fundação da Cultura e do Patrimônio Histórico de Corumbá MS.

À Naira Corrêa Alva, pela amizade, carinho e busca incessante por textos referentes á História Regional.

À minha família, genro, noras e sogra e em especial aos meus filhos Danielle Renata, João Gabriel, Rafael Vinícius e Ana Luiza.

Ao meu esposo e companheiro desta vida, Mestre Denilson Almeida dos Santos pelo apoio, incentivo e ensinamentos.

RESUMO

A temática deste estudo é explorar a memória fronteiriça a partir de um enfoque museológico, porém, com um viés histórico regional, sobre o Museu de História do Pantanal (MUHPAN), fixado na cidade de Corumbá, Estado de Mato Grosso do Sul, na fronteira entre o Brasil e a Bolívia e de como a comunidade se apropria de sua memória material e imaterial; qual o entendimento do espaço museológico como banco de dados, como ferramenta educativa permanente e como ponto de desenvolvimento social, cultural e econômico. O referencial teórico desta pesquisa utiliza um arcabouço de autores que exploram a questão da museologia e história representados por Boylan (2004), Lewis (2004), Fabiano Junior (2007), Marecos (2009), Duarte (2013), Le Goff (1990) e Sena (2017). O Museu de História do Pantanal (MUHPAN) é um museu de caráter público, visto estar subordinado ao poder municipal de Corumbá e vinculado ao Sistema Brasileiro de Museus, o qual, segundo Moreira (2007), foi instituído pelo Ministério da Cultura e é entendido como uma grande rede de articulações e desenvolvimento de museus brasileiros, incorporando museus estaduais e municipais. No cenário cultural, o MUHPAN tende a desempenhar importante papel dentro da sociedade em que está inserido, produzindo além de conhecimentos específicos, interfaces entre a História Regional e as mais variadas culturas ocorrentes na fronteira entre o Brasil e a Bolívia. Há uma riqueza de elementos culturais que coexistem no espaço fronteiriço e que produzem seus significados e traduzem aspectos dos povos que o coabitam.

Palavras chaves: Fronteira, Museu, História Regional

RESUMÉN

El tema de este estudio es explorar la memoria fronteriza desde un enfoque museológico, sin embargo, con sesgo histórico regional sobre el Museu de História do Pantanal (MUHPAN), ubicado en la ciudad de Corumbá, Estado de Mato Grosso do Sul, en la frontera entre Brasil y Bolivia, y de cómo la comunidad se apropia de su memoria material e inmaterial; cuál es la comprensión del espacio museológico como base de datos, como herramienta educativa permanente y como punto de desarrollo social, cultural y económico. El marco teórico de esta investigación utiliza un marco de autores que exploran el tema de la museología y la historia representada por Boylan (2004), Lewis (2004), Fabiano Júnior (2007), Marecos (2009), Duarte (2013), Le Goff (1990) e Sena (2017). El Museu de História do Pantanal (MUHPAN) es un museo público, ya que está subordinado al poder municipal de Corumbá y vinculado al Sistema Brasileño de Museus, que, según Moreira (2007), fue instituido por el Ministério de la Cultura y se entiende como una gran red de articulación y desarrollo de los museos brasileños, incorporando museos estatales y municipales. En el panorama cultural, el MUHPAN tiende a jugar un papel importante dentro de la sociedad en la que actúa, produciendo además de conocimientos específicos, interfases entre la História Regional y las más variadas culturas que ocurren en la frontera entre Brasil y Bolivia. Existe una riqueza de elementos culturales que conviven en la zona fronteriza y que producen sus significados y traducen aspectos de los pueblos que la cohabitan.

Palabras claves: Frontera, Museo, Historia Regional

ABSTRACT

The theme of this study is to explore the border memory from a museological approach, however, with a regional historical bias, on the Museu de História do Pantanal (MUHPAN), set in the city of Corumbá, State of Mato Grosso do Sul, on the border between Brazil and Bolivia and, as the community appropriates its material and immaterial memory, what is the understanding of the museum space as a database and as a permanent educational tool and as a point of social, cultural and economic development. The theoretical framework of this research uses a framework of authors who explore the issue of museology and history represented by Boylan (2004), Lewis (2004), Fabiano Júnior (2007), Marecos (2009), Duarte (2013), Le Goff (1990) e Sena (2017). The Museu de História do Pantanal (MUHPAN) is a public museum, as it is subordinate to the municipal power of Corumbá and linked to the Sistema Brasileiro de Museus, which, according to Moreira (2007), was instituted by the Ministério da Cultura and is understood as a large network of articulations and development of Brazilian museums, incorporating state and municipal museums. In the cultural scenario, MUHPAN tends to play an important role within the society in which it operates, producing in addition to specific knowledge, interfaces between Regional History and the most varied cultures occurring on the border between Brazil and Bolivia. There is a wealth of cultural elements that coexist in the border area and that produce their meanings and translate aspects of the peoples that cohabit it.

Keywords: Border, Museum, Regional History

Lista de Ilustração

Figura 1 - Fronteira Brasil-Bolívia nas proximidades de Corumbá-MS	23
Figura 2 – Esquema - Os 3 pavimentos internos do MUHPAN	28
Figura 3 - Fachada do Museu de História do Pantanal e Porta de entrada do MUHPAN	31
Figura 4 - Visita de alunos de uma escola da Rede Municipal de Ensino de Corumbá e Contação de Histórias para alunos de uma escola Rede Municipal de Ensino de Corumbá	34
Figura 5 - Representação dos Petróglicos	41
Figura 6 - Maquete expositiva representando episódio da Guerra da Tríplice Aliança	45
Figura 7 - Divisão das sub-regiões pantaneiras ou pantanais	47
Figura 8 Visita de uma escola da Rede Estadual de Ensino – MS -	48
Figura 9 Representação em forma de maquete do Forte Coimbra -	49
Figura 10 - Exposição sobre a “Guerra do Paraguai”	50
Figura 11 - Mapa da Bacia hidrográfica do rio Paraguai	53
Figura 12 - Visita de grupo de professores da Rede de Ensino de Puerto Suarez	54
Figura 13 - Página 184 do Livro Oficial de Registro de Visitantes do MUHPAN	55
Figura 14 - Exposição sobre a “Guerra do Paraguai”. Ação de higienização da coleção	56
Figura 15 - Mapa da Bacia hidrográfica do rio Paraguai.	56
Figura 16 - Visita de grupo de professores da Rede de Ensino de Puerto Suarez – Bolívia.	60
Figura 17 - Página 184 do Livro Oficial de Registro de Visitantes do MUHPAN.	63

Lista de Quadros

Quadro 1 - Quantitativo de visitantes por país de origem, no ano de 2020	61
Quadro 2 - Quantitativo de visitantes por país de origem, no ano de 2021	62
Quadro 3 - Quantitativo de visitantes por país de origem, no ano de 2022	62/63

Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Índice de visitantes Brasileiros, Bolivianos e Paraguaiois, nos anos de 2020, 2021 e 2022

63

SUMÁRIO

Introdução	14
1 - Corumbá, museologia e concepções do MUHPAN	19
1.1 Corumbá Patrimônio Histórico e Fronteira	20
1.2 Concepções a respeito da formação do MUHPAN	26
1.3 A relação do público com o MUHPAN e a percepção dos visitantes	30
1.4 A Museologia Contemporânea	34
2 - Cultura de Desenvolvimento	38
2.1 Instituições, Identidade e Memória	39
2.2 Identidade Cultural e Fronteira	46
3 - Patrimônio	51
3.1 As Coleções que Dialogam com a Fronteira	52
3.2 Memória Corumbaense e Memória Boliviana	57
3.3 Museologia Comunitária	58
Considerações Finais	66
Referências	69
Anexos	75
Anexo I – Cartilha Educativa com ênfase no Patrimônio Histórico Cultural Regional e Museologia	76

Introdução

A história dos museus é herdeira da ideia helenística de museu como lugar de ensino, que abriga os saberes da humanidade, da aristocracia, burguesia, da política e do colecionismo até chegar à sua institucionalização como espaço aberto e público, o que marcará um dos pilares dos futuros museus: a função social como elemento detentor da identidade de uma sociedade e um território.

A temática deste estudo é explorar a memória fronteiriça a partir de um enfoque museológico, porém, com um viés histórico regional, sobre o Museu de História do Pantanal (MUHPAN), fixado na cidade de Corumbá, Estado de Mato Grosso do Sul, na fronteira entre o Brasil e a Bolívia e de como a comunidade se apropria da memória material e imaterial; qual o entendimento do espaço museológico como banco de dados, como ferramenta educativa permanente e como ponto de desenvolvimento social, cultural e econômico.

Este trabalho, focado nos conceitos de museologia social e comunitária, interpreta e provoca atitudes de reflexão e conscientização da comunidade para sentir-se arraigada ao patrimônio e ao museu. O que se demanda é uma autêntica democracia cultural ou o estabelecimento de um diálogo entre profissionais, instituição e comunidade.

O Museu de História do Pantanal (MUHPAN) é um museu de caráter público, visto estar subordinado ao poder municipal de Corumbá e vinculado ao Sistema Brasileiro de Museus, o qual, segundo Moreira (2007), foi instituído pelo Ministério da Cultura e é entendido como uma grande rede de articulações e desenvolvimento de museus brasileiros, incorporando museus estaduais e municipais.

O Museu de História do Pantanal (MUHPAN) apresenta em sua fundamentalização, um circuito de exposições e coleções de objetos que tratam de várias e diferentes fases da ocupação humana na região pantaneira, a qual por si só, é fronteiriça. Uma das principais exposições, em forma de maquete, é a “Guerra da Tríplice Aliança” contra o Paraguai ou como é mais conhecida “Guerra do Paraguai”, que reproduz cenograficamente o episódio histórico da “Retirada da Laguna”, que foi uma batalha que fez parte daquilo que é considerado o maior conflito bélico que envolveu diretamente o Paraguai, Argentina o Uruguai e o Brasil, sendo, portanto, um conflito transfronteiriço e um fato de grande relevância para a história regional e nacional.

Nesse sentido, consideramos importante e necessário citar que, no período de 1864 a 1867, Corumbá foi assolada pela ocupação de tropas paraguaias, durante a referida guerra

que, segundo Sena (2017, p. 46) deixou marcas negativas na economia e na sociedade, então mato-grossense.

Estes fatos estão retratados nas exposições do Museu de História do Pantanal (MUHPAN), e nos dão uma ideia do que possa ter acontecido na época, assim como os demais fatos que se apresentam no circuito expositivo.

Esta investigação se justifica nos seguintes aspectos: a) por estar situado em Corumbá, estado de Mato Grosso do Sul, o referido museu além de ser um patrimônio cultural e arquitetônico é, também, uma instituição fronteiriça; b) o Museu de História do Pantanal (MUHPAN) recebe inúmeros visitantes, dentre os quais estão pessoas de várias e diferentes nacionalidades, muitas das quais transpõem o limite fronteiriço; c) É um local que abriga objetos que nos trazem a memória do homem pantaneiro desde a ocupação da região, muito antes da chegada dos colonizadores Espanhóis e Portugueses, e que se relacionam e se identificam culturalmente com a fronteira Brasil-Bolívia.

Conforme os ensinamentos de Alho et al. (2000) e Santos (2013), na prática o termo “local” refere-se sempre à área amostral de um determinado estudo. Nesse sentido elegemos o Museu de História do Pantanal (MUHPAN), como o nosso objeto de estudo.

A partir desse prisma, referindo-nos à memória dos objetos e das exposições existentes no Museu de História do Pantanal (MUHPAN), podemos considerar que o nosso objeto de pesquisa apresenta rotineiramente diferentes possibilidades de conhecimento, principalmente, por reunir em um único espaço uma grande diversidade de exposições e objetos que permitem visualizar e contextualizar as atividades antrópicas na imensa planície pantaneira.

Nos dizeres de Barros e Neves (2009), o aspecto histórico representa a memória de um povo, de uma instituição, ou de um indivíduo, e, finalmente, constitui-se em fonte de pesquisa para todos os ramos do saber.

Apesar disso e, considerando as atividades portuárias, ao se visualizar o rio Paraguai, através do Museu de História do Pantanal (MUHPAN), talvez alguns visitantes, neste caso os cidadãos corumbaenses mais idosos, provavelmente, possam imaginar silenciosamente no mais íntimo de suas percepções mentais, toda dinâmica de um cotidiano vivido em épocas passadas e certamente tentam viajar por suas memórias tendo como pano de fundo uma paisagem portuária dos tempos em que a navegação em Corumbá, se destacava.

Metodologicamente, através deste estudo sobre museologia, usando uma abordagem quali-quantitativa, com um viés histórico regional, investigamos qual a importância da instituição museológica Museu de História do Pantanal (MUHPAN), para a fronteira Brasil/Bolívia, evidenciando como os cidadãos brasileiros, neste caso, corumbaenses e

ladarenses e, também, os cidadãos bolivianos percebem e entendem o referido museu, dando determinado enfoque à preservação da memória local. Os dispositivos de investigação adotados foram o Estudo de Caso e a Pesquisa-Ação com caráter participativo, envolvendo diretamente o Museu de História do Pantanal (MUHPAN), enquanto instituição, além da “Oralidade”¹ preconizada por Chaer e Guimarães (2012), onde demos voz a atores sociais que frequentam o museu.

Embasados em Knechtel (2014), optamos pela significação de objetos, fatos, personagens, etc., da região pantaneira e pela vivência das pessoas com relação ao cotidiano fronteiriço e ao museu. O local possui vários espaços que possibilitam a realização de diferentes atividades. Observamos que muitas pessoas procuram o Museu de História do Pantanal (MUHPAN), como forma de lazer, outras para fins científicos ou didáticos e outras para fins de desenvolvimento de atividades culturais tais como exposições itinerantes, lançamento de obras literárias, exibição de filmes, aquisição de materiais de artesanato ou realização de palestras. Utilizamos também, o método de coleta de dados a partir de documentos existentes na própria coleção museológica da instituição e em arquivos administrativos. Os livros de controle de visitantes se constituíram em fontes de informação, pois neles estão registrados o fluxo de pessoas que frequentam o museu, a origem dessas pessoas, além das datas das visitas.

Considero necessário informar e salientar que a minha relação com o Museu de História do Pantanal e vivência teve início em agosto de 2008, quando se dá a sua inauguração.

Podemos afirmar que ingressar no MUHPAN foi uma experiência ímpar. O encantamento foi natural e automático. Como graduanda do curso de História do Campus do Pantanal da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em 2010, tendo o próprio museu como fator de incentivo, iniciam-se visitas mais frequentes e participações em trabalhos voluntariados em diversas exposições, incluindo montagem e monitoramento, com a finalidade inicial de aquisição de carga horária em Atividades Complementares. A partir de 2011, ocorreram várias exposições temporárias, em que foi possível colaborar com a curadoria do museu e na montagem de exposições, auxílio nos processos de higienização de objetos e documentos e na Educação Patrimonial. Houve também a minha participação em diversas atividades pedagógicas com alunos de escolas públicas e particulares, além da

¹ A oralidade é entendida como uma atividade verbal presente nas mais diferentes situações sociais em que o indivíduo possa se inserir ao longo de sua vida, é a transmissão oral dos conhecimentos armazenados na memória humana (SANTOS E FARAGO, 2015).

recepção de visitantes locais e turistas e atendendo-os em visitas orientadas através do circuito expositivo.

Nesse ínterim, através do contato com diferentes pessoas, estabelecemos laços, os quais reforçaram o meu conhecimento sobre História Regional e Museologia. Atualmente, sou servidora da Prefeitura Municipal de Corumbá/Fundação da Cultura e Patrimônio Histórico, lotada no referido museu e ocupando o cargo de Gestora. Assim, a minha vivência com o MUHPAN não se inicia hoje, com os estes estudos e com a elaboração desta dissertação tão somente, mas vem de tempos atrás e creio que se eternizará a partir e através dela.

A estruturação e o delineamento deste trabalho ocorreram da seguinte forma:

O Capítulo um refere-se à cidade de Corumbá, da Museologia e das concepções do Museu de História do Pantanal (MUHPAN). Porém, nesse entremeio, discutimos, mesmo que sucintamente, sobre o Pantanal, retratando-o a fim de que se possa visualizar e entender a localização de Corumbá, da linha fronteira e do próprio Museu de História do Pantanal. Por estar situado na cidade de Corumbá, na porção Oeste do estado de Mato Grosso do Sul, na fronteira entre Brasil e Bolívia, reafirmamos o nosso entendimento de que o Museu de História do Pantanal é uma instituição transfronteiriça, apresentando um caráter interdisciplinar e multifacetado que transpõe os limites territoriais impostos pelo homem, em suas convenções sócio-políticas e econômicas, forjando assim um “hotspot”² com um rico manancial de elementos, símbolos, objetos e informações que propiciam a aquisição e transmissão de conhecimento e saberes. O Museu de História do Pantanal (MUHPAN) tende a ser bastante frequentado por nacionais brasileiros, bolivianos e de outros países da América do Sul, América do Norte e da Europa, inclusive, carecendo assim, de grande atenção e cuidado com seu acervo para que não se perca com o tempo.

O Capítulo dois refere-se à Cultura e do Desenvolvimento na região pantaneira, a partir do polo urbano de Corumbá, tendo as cidades bolivianas de Puerto Quijarro e Puerto Suarez e a cidade brasileira de Ladário como elementos que auxiliam em um processo dinâmico de conurbação. Através dessa ligação entre esses polos urbanos entendemos que Corumbá ganha destaque no cenário cultural por vários motivos, dentre eles por conta da realização de várias atividades de caráter cultural, tais como Carnaval, Banho de São João, Festival América do Sul, Festival de Pesca, etc. Percebemos assim que durante a realização de tais eventos, o Museu de História do Pantanal (MUHPAN) é inserido no roteiro turístico e

² Em Biologia, hotspots representam as áreas naturais do planeta Terra que possuem uma grande diversidade ecológica e que estão em risco de extinção. Aqui podemos definir como sendo um local que apresenta grande riqueza museológica e cultural.

cultural da cidade e que nele são aportadas inúmeras atividades, as quais são disponibilizadas ao público em geral, como forma de entretenimento e lazer. Há de se informar que as Fundações da Cultura e do Patrimônio Histórico e de Turismo do município de Corumbá organizam um circuito de visitas públicas onde monumentos são apresentados à contemplação popular. Incluem-se aí praças, igrejas, prédios públicos, etc. O Museu de História do Pantanal (MUHPAN) por conta da característica arquitetônica, da localização e do acervo, adquire determinado status que lhe posiciona entre os principais pontos turísticos de Corumbá.

O Capítulo três refere-se exclusivamente ao patrimônio material e imaterial que Corumbá possui. É imperioso discutirmos sobre esse assunto, pois, Corumbá possui um vasto conjunto de construções arquitetônicas que produzem um acervo cultural, histórico e material de grande valia para o povo. A riqueza da arquitetura é valiosa também, por estar ligada aos fatos históricos que ocorreram na grande maioria das edificações ao longo do Porto Geral de Corumbá e das ruas que foram traçadas na parte central da cidade. Associado a isso, temos também o patrimônio imaterial, constituído por manifestações culturais e tradicionais da região pantaneira. Danças, culinária, festejos, religiosidades, entre outros, que fazem parte desse contexto e constituem uma riqueza a ser preservada. O Museu de História do pantanal (MUHPAN), além de ter grande importância arquitetônica, guarda em seu seio vasto acervo contendo informações sobre a imaterialidade cultural da região.

Após o último capítulo, a título de considerações finais, apresentamos uma análise reflexiva sobre a situação atual do Museu de História do Pantanal, a fim de alicerçarmos o entendimento sobre o mesmo.

Capítulo 1

Corumbá, museologia e concepções do MUHPAN

“O mundo da realidade tem seus limites. O mundo da imaginação não tem fronteiras.”

Jean-Jaques Rousseau

1.1 Corumbá, patrimônio histórico e fronteira

Antes de nos enveredarmos com mais afinco em nosso objeto de estudo, faremos uma digressão para retratar teoricamente, o Pantanal, mesmo que de forma sucinta, visto que uma das principais exposições existentes no Museu de História do Pantanal (MUHPAN), trata diretamente do Bioma¹ Pantanal, referindo-se às sub-regiões internas. Além disso, o próprio museu está situado em Corumbá-MS, cidade inserida na sub-região do Pantanal do Paraguai, na porção Oeste do referido Bioma.

A partir dos ensinamentos de Bezerra et al (2002) e Santos (2013), podemos dizer que o Pantanal está situado especificamente entre os paralelos 15° e 20° S e os meridianos 55° e 60° W, e destaca-se como a maior área úmida contínua do planeta, localizado no Centro-Oeste do Brasil, na região média. Estes autores nos dizem ainda que o Pantanal se estende aproximadamente 600 km no sentido N-S e 300 km à L-O, compreendendo 140.000 km², em uma faixa tropical de terras em forma de depressão, causada pelo choque de placas tectônicas, tendo como resultado inicial o soerguimento da Cordilheira do Andes.

Segundo Silva e Abdon (1998), o Pantanal é subdividido, internamente em 11 sub-regiões pantaneiras, sendo elas: Cáceres, Poconé, Barão do Melgaço, Paraguai, Paiaguás, Nhecolândia, Abobral, Aquidauana, Miranda, Nabileque e Porto Murtinho. Santos (2013) salienta que, cada uma dessas 11 sub-regiões possui características culturais, econômicas, fisionômicas, hidrológicas e ecológicas próprias, com diferentes ciclos e formas de se perceber a vida, em tais áreas.

Entretanto, é imperioso salientarmos que a exposição sobre o Pantanal possui uma pequena, mas considerável, defasagem em relação a essa quantidade de “Pantanais” informada por Silva e Abdon (1998), pois, o referido museu apresenta uma amostra expositiva denominada “Dez Pantanaís”, que trata tão somente de dez sub-regiões pantaneiras do Bioma Pantanal. Nesse caso a sub-região pantaneira de Porto Murtinho, deverá ser incluída futuramente. Todavia, isso não exclui o encantamento e a importância que a referida exposição possui, no circuito contextual e museológico do Museu de História do Pantanal (MUHPAN).

Destacamos também que se registram atividades antrópicas, nestas regiões, há pelo menos 5.500 mil anos. Ou seja, conforme o ensinamento de Peixoto e Arruda (2011), o Pantanal é habitado há tempos pelo elemento humano e, ousamos dizer que o ser humano desde os primórdios, tem uma necessidade imperiosa de colecionar coisas, sejam elas quais forem. Ao longo da história pode-se perceber as mais diferentes formas de se colecionar

alguns objetos, conferindo-lhes valorações inclusive, Lewis (2004), nos diz que as coleções de objetos são reunidas por conta de suas associações pessoais ou coletivas, ocorridas na antiguidade.

A trama social estabelecida pela tríade Museologia, Memória e Patrimônio nos deu condições de tecer uma rede de informações, onde podemos produzir a recuperação de elementos que reforçam a história da região pantaneira e fronteiriça.

No decorrer do tempo, ocorreram eventos e dinâmicas sociais que moldaram o caráter urbano de Corumbá e das cidades em seu entorno. Com o advento da expansão para o Oeste, certamente baseada na Tese de Turner ou Tese das Fronteiras (1893), do escritor Norte Americano Frederick Jackson Turner, que preconizava a conquista de terras abertas na direção do Oeste, a colonização das fronteiras do Brasil nesta região geográfica, considerada como sendo um verdadeiro “sertão” por alguns pensadores³, teve como uma de suas finalidades, resguardar o território nacional, ganhando inclusive certa visibilidade. Isso trouxe à fronteira Brasil - Bolívia, pessoas de vários locais do próprio Brasil e do mundo.

A partir do final da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, migrantes e imigrantes aportaram em Corumbá em busca de novas possibilidades e perspectivas. Surgem casas comerciais e são instalados vários órgãos públicos. Há um determinado tipo de “efervescência” socioeconômico cultural que traduz os movimentos e dinâmicas sociais daquele período.

Segundo Targas (2012), Corumbá por sua vez, através da navegação fluvial pela Bacia Platina se integrou à economia internacional.

Desde antes da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, o rio Paraguai já era utilizado como principal caminho para escoamento das mercadorias e circulação de pessoas. Junto com o rio Paraná transformavam-se em uma complexa malha viária possibilitando a navegação pelo antigo Mato Grosso.

Nesse sentido, destacamos rapidamente que o Museu de História do Pantanal apresenta um espaço dedicado à navegação do período pós-guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, no último pavimento do circuito expositivo, contendo diversos documentos e peças originais oriundas desse período, tais como: 01 Livro de Registro (Diário de Bordo) com data do ano de 1925, diversas fotos do Porto de Corumbá, moedas, âncoras, timão, correntes, hélice, dentre outros objetos.

³ Há historiadores que discordam veementemente dessa afirmação, pois entendem que essa região fronteiriça foi vista pelo olhar europeu. Afirmam eles que, ao olharmos essa região com olhos locais a percepção será outra, pois a proximidade e a interação com as populações indígenas e com cidades bolivianas já conferia à Corumbá, na época, um status de principal polo urbano regional.

É importante lembrar que há um espaço dedicado à Estrada de Ferro Noroeste do Brasil que aborda, sucintamente, sobre objetos e fotos pertencentes aos ferroviários e às composições do maquinário.

Podem ser observados ainda, um teodolito (objeto de precisão óptico que mede com exatidão ângulos horizontais e verticais), uma soleira de entrada, um relógio de parede, pratos, talheres e bancos (sendo um original) fazendo alusão ao vagão de passageiros e de restaurante, dentre outros, além de um uniforme completo utilizado por funcionário em algum período de funcionamento da ferrovia. Há, na parede interna do primeiro pavimento do Museu de História do Pantanal um mural da Ferrovia Noroeste do Brasil desenhado em 1930, quando no referido espaço funcionou o escritório técnico da Comissão Mista Brasil-Bolívia. Este mural retrata a parte das Estações Boliviana da referida ferrovia, tendo a cidade de Corumbá, como destino final do lado Brasileiro da fronteira.

Acompanhando os ensinamentos de Queiroz, temos o seguinte:

Nas origens da ferrovia historicamente conhecida como Noroeste do Brasil (NOB) encontra-se a Estrada de Ferro Bauru-Cuiabá, que começou a ser construída em Bauru, no Estado de São Paulo, em 1905 – mediante concessão, sob o regime de garantia de juros, efetuada pelo governo federal a uma empresa denominada Companhia de Estradas de Ferro Noroeste do Brasil. A construção estava em andamento, com a ponta dos trilhos ainda em território paulista, quando, em abril de 1907, o governo federal determinou a mudança do ponto final a ser atingido – o qual, de Cuiabá (situada na região central do Estado de Mato Grosso), passava a ser Corumbá, no sul do mesmo Estado, à margem direita do rio Paraguai e nas proximidades da fronteira com a Bolívia (QUEIROZ, 1999).

Mas, o que significou a Ferrovia Noroeste do Brasil para a fronteira Brasil-Bolívia? Segundo Correa e Correa (2013) a Ferrovia foi uma Companhia Ferroviária com mais de 1.600 quilômetros de extensão e uma das mais importantes obras de engenharia no centro Oeste brasileiro no início do século XX e de certo modo impulsionou desenvolvimento do sul do antigo estado de Mato Grosso e contribuiu para o surgimento de novas cidades, inclusive.

O Pantanal, na porção Oeste, está intrinsecamente ligado à fronteira Brasil-Bolívia, dada sua localização e distribuição dentro do espaço geográfico. O mesmo ocorre com a cidade de Corumbá, que “fronteiriza” com a cidade boliviana de Puerto Quijarro, dentro de uma semiconurbação que tem uma integração com fortes assimetrias e porosidades, já preconizada por Oliveira (2008). Todavia, este mesmo autor acrescenta que a fronteira do Brasil com a Bolívia não é marcada por um povoamento intenso, sendo que ao longo de mais de três mil e quatrocentos quilômetros, poucas povoações são registradas. Isso se verifica principalmente no perímetro de domínio do Pantanal na porção Oeste, que abrange os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

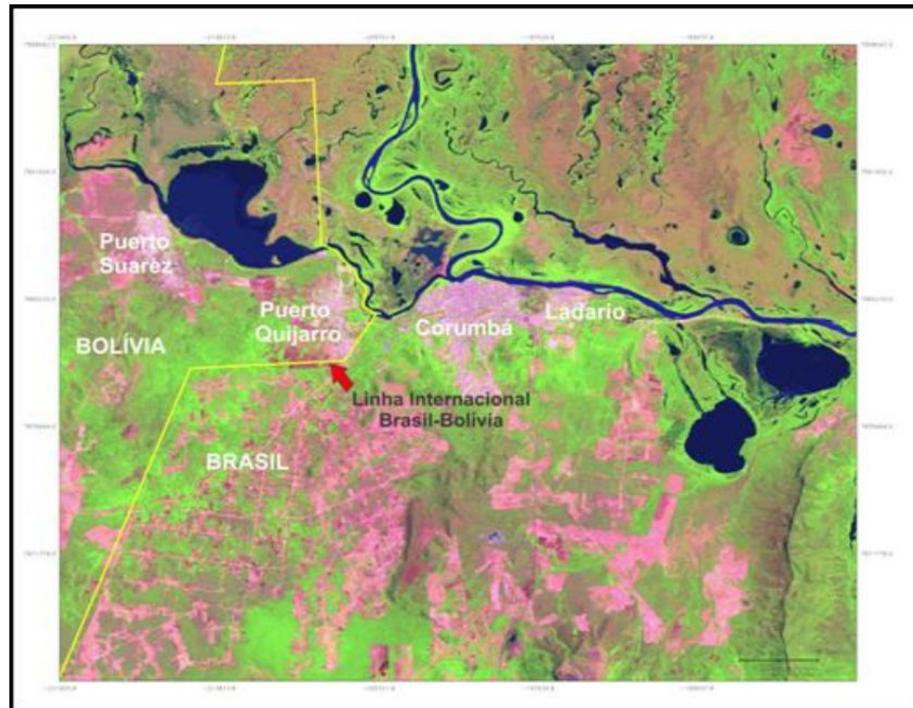


Figura 1: Fronteira Brasil-Bolívia nas proximidades de Corumbá-MS, 2011. Fonte: Ravaglia, 2011.

No espaço fronteiriço urbano, podem ser verificadas diferentes formas de vivenciar a fronteira considerando as nuances, particularidades, mesclas populacionais, manifestações culturais, relações econômicas e humanas, o cotidiano em si.

Somos corroborados por Santos (2013), quando este diz que as nuances existentes, por conta das atividades sócio-econômico-culturais desenvolvidas naquele ambiente, demonstram a riqueza da diversidade de relações humanas, produzidas por diferentes povos, que convergem a um mesmo espaço.

Há várias outras formas de se entender a fronteira. A partir dos olhares de quem não vive o cotidiano fronteiriço, uma fronteira pode ser hostil, violenta, “não civilizada” dentre outros atributos negativos que possam existir. Porém, aos olhos de quem a vivencia, pode-se perceber algo mais além do que isso. A percepção de uma possível colaboração entre nacionais brasileiros e bolivianos e a interdependência entre comerciantes e munícipes, fazendo-se visível pelas ruas de ambos os lados da fronteira.

Em determinados momentos é possível perceber que transparecem algumas considerações preconceituosas em um clima de subserviência para com os nacionais bolivianos. Entretanto, em outros momentos é possível perceber que ocorre o contrário. Um ambiente de pretensa amizade é observado no dia-a-dia, por conta das várias relações

existentes, principalmente a comercial e outros interesses diversos, que incluem a subserviência, o que faz com que possamos acreditar, até de forma equivocada, que haja uma determinada tranquilidade e aceitação do outro. Ousamos dizer que a fronteira entre o Brasil e a Bolívia é tensionada, porém, com lampejos de cordialidades ocasionais.

Segundo os ensinamentos de Santos:

A fronteira entre o Brasil e a Bolívia, mais precisamente entre as cidades brasileira de Corumbá-MS e a cidade Boliviana de Puerto Quijarro-SC, é possivelmente mais um local de encontro do que de separação, mesmo existindo em determinados momentos, em determinadas situações e com determinados grupos de pessoas, um certo preconceito de nacionais brasileiros para com nacionais bolivianos (SANTOS, 2013, p.45).

Rocheffort (2002, p.10 e 11) preconiza que devemos entender a fronteira como um local de encontro, de reunião, de enriquecimento mútuo e não como um local de separação, de demarcação e até mesmo de obstáculo. Também tendemos a entender dessa forma, a fronteira Brasil-Bolívia, em Corumbá. E por assim entendê-la, buscamos junto e a partir do Museu de História do Pantanal, o alicerce para os nossos estudos, de modo que o Pantanal, o Museu de História do Pantanal ou (MUHPAN), deve ser considerado fronteiro por sua própria natureza. Além da localização ele traz nas coleções, elementos que se relacionam com a região pantaneira e conseqüentemente, com a fronteira Brasil-Bolívia.

À primeira vista pode parecer que não, mas as exposições da Arte Rupestre, Arqueologia, Dez Pantanaís, Escravização dos Negros, Guerra da Tríplice Aliança, Navegação pelo Rio Paraguai, Trem da Noroeste do Brasil (Trem da NOB), dentre outras, tecem uma trama cultural importantíssima e estabelecem diálogos diretos com a fronteira Brasil-Bolívia. O nacional boliviano e até mesmo o brasileiro pode entender, inicialmente, que não há relação entre a sua nação e estes acontecimentos listados. Mas, se buscarmos as narrativas e os fatos existentes sobre a região pantaneira, nas coleções museológicas e históricas do Museu de História do Pantanal (MUHPAN), encontraremos uma gama de informações contundentes que se conectam e relacionam o Pantanal e o museu à fronteira do Brasil com a Bolívia e que por muito tempo passaram despercebidas da população.

Não obstante, ousamos considerar que, certamente, Corumbá seja o elo que une esses elementos. A partir desse prisma, é imperioso descrevermos a cidade de Corumbá com o fim de situarmos o leitor: a cidade possui uma rica arquitetura que amalga alguns elementos arquitetônicos que imigrantes materializaram, em princípio, em um espaço urbano outrora denominado Rua do Porto e que posteriormente recebeu o nome de Rua do Comércio, depois Rua Presidente Costa Marques, mas a população não gostou, voltando a ser novamente Rua

do Comércio. Atualmente, tal logradouro é denominado Rua Manoel Cavassa, em homenagem a um comerciante Português estabelecido naquela localidade.

A localização dos núcleos urbanos consistia, principalmente, em destinações funcionais, como: administrativas, comerciais, militares, políticas, portuárias ou outras (CHAPARRO, 2020, p.52). Conforme destaca Chaparro:

Outro padrão urbanístico das cidades de origem portuguesa e que pode ser identificado nas cidades em análise resulta da estruturação em dois níveis: a cidade alta, local de poder político, institucional, militar e religioso, e a cidade baixa, dedicada às atividades comerciais e portuárias (CHAPARRO, 2020, p.53).

Nesse caso a análise é feita sobre Corumbá. Esse rico conjunto histórico e arquitetônico pertence à área de Tombamento do Casario do Porto de Corumbá, cujo tombamento ocorreu inicialmente através do município em 19 de dezembro de 1985, conforme Decreto Municipal nº 129/85 e posteriormente através do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 28 de setembro de 1993, conforme o Termo 1182-T-1985. Pela considerável quantidade de bens tombados no município de Corumbá, podemos considerá-la de grande importância e relevância, enquanto cidade histórica. Quanto a tombamento, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), nos diz o seguinte:

São bens tombados no município de Corumbá-MS, Conjunto Histórico, Arquitetônico e Paisagístico de Corumbá-Casario do Porto, Ponte Ferroviária Eurico Gaspar Dutra, Conjunto de Edificações que compõem o Forte de Coimbra-Forte Coimbra e Forte Junqueira. A Igreja de Nossa Senhora da Candelária, Antiga Prefeitura, Antigo Hotel Internacional, Antigo Presídio-Casa do Artesão, Casarão da Comissão Mista, Casarão do Instituto Luiz de Albuquerque (ILA), Antigo Mercado, Praça Uruguai, Praça da República e Praça da Independência (IPHAN, 2022).

Nesse sentido nos ancoramos, inicialmente, nos dizeres de Oliveira, sobre a cidade de Corumbá:

Corumbá – é uma bela cidade, com mais de dois séculos de vida, cravada no meio do Pantanal do Mato Grosso do Sul, na fronteira com a Bolívia, às margens do rio Paraguai, iluminada na latitude de capricórnio, com baixa altitude (120m), assentada sobre uma laje de rocha calcária, o que a torna severamente quente e úmida (mesmo com baixa pluviosidade) dioturnamente. Possui um sítio urbano planejado há mais de 150 anos, com ruas largas, algumas sombreadas por belos *flamboyans*, no qual se misturam arquiteturas modernas, rodeadas por prédios que remontam a passagem do séc. XIX para o séc. XX (OLIVEIRA, 2008, p. 33).

Ao visualizarmos o porto de Corumbá, notamos as diferenças arquitetônicas que cada prédio possui, justificando de certa forma o seu tombamento. Isso pode nos levar a imaginar uma provável diferença de condição financeira, existente naquela época, entre comerciantes, moradores e demais trabalhadores daquela área.

Segundo Chaparro (2020), a imponência do casario do porto coexistiu com a precariedade das condições sanitárias e a falta de infraestrutura adequada ao movimento de passageiros e mercadorias, ocasionando frequentes surtos epidêmicos de doenças trazidas pelos navios que aportavam na cidade.

Perguntamo-nos quantas histórias não contadas e vivências do cotidiano que se perderam ao longo tempo. Pessoas e mercadorias provavelmente misturavam-se entre si, onde os ricos e os pobres possivelmente se “juntavam e se repeliam”, em um intenso movimento simultâneo de vai e vem. É um pouco do que nos permitimos imaginar sobre o que pode ter ocorrido naqueles tempos.

Todavia, a importância histórica da cidade de Corumbá é muito significativa na historiografia regional, considerando que ela está inserida em um dos municípios mais antigos do Estado do Mato Grosso Sul. É possível entendermos ainda mais essa importância quando exemplificamos e citamos que instituições, tais como a Igreja Católica e a Batista, foram as primeiras a serem instaladas na região, bem como o Banco do Brasil que teve a Agência de nº 14, criada em 1916, instalada no prédio onde abriga o Museu de História do Pantanal (MUHPAN). Importante ressaltar que muitas instituições públicas ou até mesmo a maioria delas, foram criadas entre os séculos XIX e XX.

1.2 Concepções a Respeito da Formação do Museu de História do Pantanal - MUHPAN

Conforme Fabiano Junior (2007), a origem dos museus se confunde com o crescimento das cidades, pois se tratam de instituições urbanas por excelência.

O Museu de História do Pantanal (MUHPAN) foi idealizado pelo professor Carlos Etchevarne, fundado em agosto de 2008, pela Fundação Barbosa Rodrigues/Grupo Jornal Correio do Estado e está instalado, desde então, no Edifício Wanderley & Baís, um imponente prédio comercial tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, (IPHAN), em 1993, juntamente com todo complexo do casario do porto de Corumbá. Vale lembrar que este edifício foi edificado em 1876 e já teve várias utilizações institucionais anteriormente, como o Escritório Técnico da Comissão Mista Brasil-Bolívia, antes da metade do século XX. Também já foi ponto comercial com diferentes atividades e abrigou inúmeras secretarias da municipalidade ao longo dos anos.

Para a montagem do circuito expositivo e implementação do espaço museológico, o museu recebeu recursos e incentivos oriundos do Programa Monumenta, criado no ano 2000, pelo Governo Federal, através de seu Ministério da Cultura, com apoio do Banco

Interamericano de Desenvolvimento (BID) e da Unesco. O principal objetivo do Programa Monumenta é recuperar sustentavelmente os conjuntos e monumentos históricos brasileiros. Considerando que dos 101 sítios e monumentos históricos identificados como relevantes pelo Governo Federal, foram escolhidos apenas 20, sendo Corumbá como o primeiro deles. Mas o que levou a cidade de Corumbá-MS a ser escolhida para receber investimentos do referido programa?

No processo de avaliação, a cidade de Corumbá-MS foi considerada como ponto estratégico na consolidação da fronteira Oeste do Brasil, visto ter sido palco da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, principal porto da Província de Mato Grosso no final do século XIX e importante polo Comercial até metade do século XX. Além disso, Corumbá que está situada dentro da planície pantaneira contém um belo conjunto Histórico e Arquitetônico e possui riquezas culturais em diferentes aspectos.

É importante destacar que no processo de montagem e instalação contou com os seguintes profissionais e empresas: Professor Doutor Carlos Etcheverne responsável pelo projeto conceitual, Estúdio de Arte Votupoca responsável pelo projeto museológico, Arquiteta Lauzie Mohamed Xavier responsável pelo projeto de restauro do prédio Wanderley Baís, José Marcos da Fonseca proprietário da empresa Marco Arquitetura e responsável pela obra de restauração predial, Arquiteta Perla Larsen responsável pela restauração do Mapa da Ferrovia Noroeste do Brasil, Via Imprensa responsável pelo Designe Gráfico, Maria Verônica Sáfadi Alves Nogueira Presidente da Fundação Barbosa Rodrigues, Antônio João Hugo Rodrigues Vice-Presidente da Fundação Barbosa Rodrigues e Marta Barros Severino dos Santos, Coordenadora do museu.

Consideramos importante ressaltar a configuração espacial interna que ocorre em forma de compartimentação em três pavimentos, nos quais estão alocadas as exposições museológicas do MUHPAN, sempre dispostas à direita de quem entra no prédio. À esquerda está disposta a parte administrativa do museu.

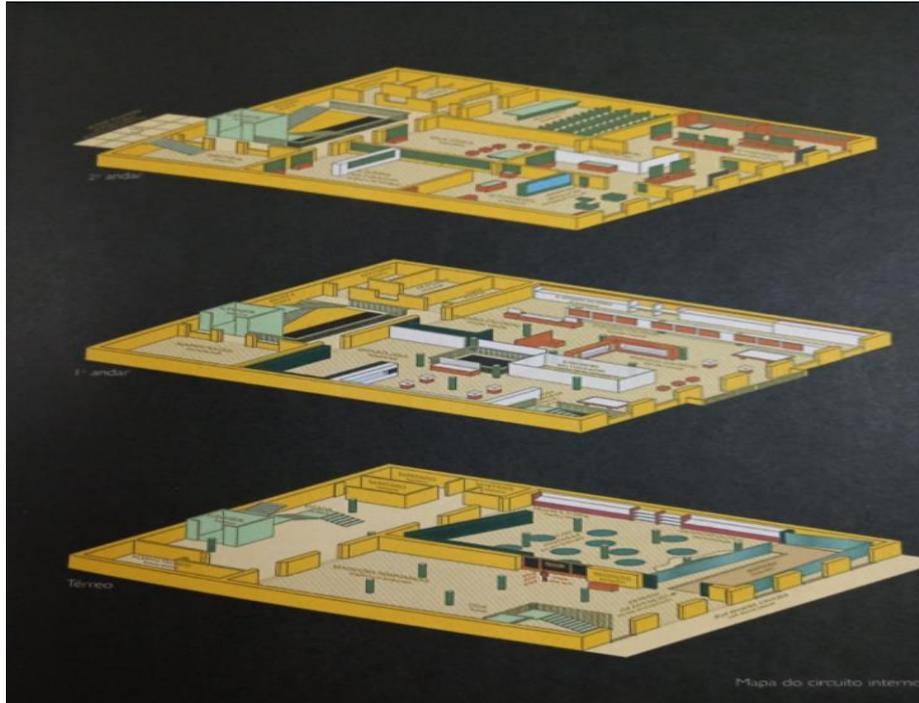


Figura 2: Esquema dos 3 pavimentos internos do MUHPAN. Fonte: A História do Pantanal contada pelo MUHPAN (CORRÊA e CORRÊA, 2013).

Para Nogueira (2013, pág. 03), o Museu de História do Pantanal (MUHPAN), nasceu impulsionado por três grandes forças: a necessidade, a força política e a seriedade. Nesse sentido, ousamos considerar que atualmente essas três grandes forças continuam a impulsionar a referida instituição, apesar de transcorridos dezoito anos da data de sua fundação. Conforme os dizeres de Nogueira, temos o seguinte:

A equipe idealizadora e mantenedora do Museu, foi a Fundação Barbosa Rodrigues, sendo ela a responsável pelas concepções mais modernas da museologia que superam a ideia de depósito estante de objetos antigos, não medindo seus esforços para desenvolver e realizar um projeto dinâmico, de alta qualidade científica e de relevância cultural e social. (NOGUEIRA, 2013, p. 03).

A partir dos ensinamentos de Correa e Correa (2013), destacamos que o acervo do MUHPAN foi construído para propiciar ao visitante a compreensão e a explicação do processo de ocupação humana na região desde os seus primórdios até os dias atuais.

Todavia, acreditamos que a motivação para implantação do museu na cidade de Corumbá-MS, tenha sido por conta da ausência de um elemento cultural dessa magnitude, e pela carência de locais que preservem a rica história da região pantaneira, considerando a ocupação e presença humana nesta região.

Devemos considerar, também, que naquele momento da concepção do museu, a cidade de Corumbá-MS, não possuía nenhuma instituição cultural com tamanha magnitude do MUHPAN, tanto em estrutura física quanto em recursos humanos. Não havia nenhum outro

local, onde a população pudesse “apreciar” a história da região com determinado encantamento e beleza.

Corumbá, como polo de cultura mais antigo da região, é considerada o “caldeirão cultural”, expressão essa já preceituada por Araújo et al (2020), por conta dos diversos migrantes e imigrantes que nela se instalaram, nos período pós-guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, trazendo consigo inúmeras expressões e traços imateriais de cultura de outras localidades do território nacional, de outras nacionalidades e de outros povos, expressões e traços estes que se mesclaram às culturas locais, inclusive. Isso nos dá uma dimensão majorada da dinâmica fronteiriça da região, desde o final do século XIX.

Ao pensarmos no tema fronteira, podemos visualizar inúmeras formas de concebê-la. Sob esse prisma, a fronteira sociocultural entre o Brasil e a Bolívia é o cenário onde entendemos estar inserido o Museu de História do Pantanal (MUHPAN). Atualmente, sob a Administração Pública Municipal, através do Primeiro Termo Aditivo ao Termo de Cessão de Uso firmado entre a Fundação de Cultura e Patrimônio Histórico/PMC e Fundação Barbosa Rodrigues/FBR.

No entendimento de Reis (2019, p. 3), desde o século XVIII, momento no qual os museus se tornaram um elemento público, os discursos para sua implementação estavam baseados na função socioeducativa. Todavia, aproveitamos também os ensinamentos de Oliveira (2014), quando diz que foi no decorrer do século XX que surgiram a maior parte dos mais de três mil museus que existem atualmente no país. Ainda diz que a quantidade de instituições identificadas nesta primeira década do século vigente impressiona se comparada às instituições museais existentes nos primeiros anos do século anterior.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), associado ao Ministério da Cultura, em 2004, define as instituições museológicas como práticas sociais colocadas a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento e comprometidas com a gestão democrática e participativa (REIS, 2019, p.3). Tal autora ainda nos diz que, o movimento da Nova Museologia, impulsionado por debates no Chile, em 1972, organizados pelo ICOM⁴, transformou o conceito de museu, a partir de então, casas, fazendas, escolas, fábricas, estradas de ferro, minas de carvão, planetários, dentre outros podem receber um olhar museológico.

Segundo Queiroz e Lima (2020, p.45), no contexto museológico, o papel social dos museus precisa estar em diálogo com a sociedade, pensando na função social desse bem cultural, implicando reflexões e finalidades das memórias que estão sendo pesquisadas,

⁴ International Council of Museums (Conselho Internacional de Museus).

salvaguardadas e reconstruídas a cada leitura e refletindo em uma memória histórica em que o indivíduo se reconhece a partir das referências de coletividade.

Tais autores, ainda nos ensinam que, a dinâmica presente no museu é de diálogo e tomada de decisão em conjunto, em que o protagonismo das exposições e atividades educativas agem de acordo com os anseios de todas as partes envolvidas, numa ação que envolve a museologia social.

1.3 A Relação do Público com o MUHPAN e a Percepção dos seus Visitantes

Ao passar pela Rua Manoel Cavassa, logradouro onde fica o edifício Wanderley & Bais, no qual está instalado o Museu de História do Pantanal (MUHPAN), na área do Porto Geral de Corumbá, o cidadão, muito provavelmente, não faz ideia da imensidão interdisciplinar existente em seu interior. Existem elementos que se traduzem em verdadeiras pontes que ligam ciências diversas, umas às outras e entre um assunto e outro. Temas que vão desde os grupos humanos antepassados que ocuparam, em um primeiro instante, a planície pantaneira, arte rupestre, arqueologia, passando pelas missões jesuíticas, trem da Noroeste do Brasil, Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, pioneiros, Comissão Rondon, navegação, pela escravização dos negros, dentre outros.

A cidade de Corumbá conta com poucas variáveis culturais e o museu traz em seu âmago uma proposta cultural de entretenimento e transmissão de saberes que preenche determinados vazios no cotidiano da cidade. A suntuosidade e elegância de sua arquitetura, na qual incluem-se fachada, portas, janelas e escadas internas e a localização do prédio que abriga o MUHPAN são, de antemão, atrativos para que o visitante adentre e conheça as exposições. Associada à arquitetura do prédio é possível visualizar as portas confeccionadas em madeira de lei, as quais dão ampla visão ao porto geral e ao rio Paraguai, tal como pode ser percebido no arquivo fotográfico a seguir:



Figura 3: Fachada mostrando a arquitetura do MUHPAN. Acervo Elaine Dupas, 2022 e Porta de entrada do MUHPAN, rua Manoel Cavassa, nº 275, Porto Geral de Corumbá. Acervo da autora, 2022.

Todavia, devemos destacar que segundo Junior (2007, p.47), a arquitetura moderna procurou desmontar a ideia de monumento e advogou a urgência de desenhar um conceito, mais do que habitação, edifícios públicos e espaços coletivos.

Existe uma pergunta que nos vem à mente com certa frequência: qual seria a missão do MUHPAN enquanto instituição museológica e fronteiriça? Segundo Nogueira (2013, p.03), o MUHPAN tem a missão de colaborar na educação e cidadania, assim como no processo de ensino-aprendizagem formal e não formal de crianças e jovens, principalmente através da multiplicação de saberes com ênfase na Educação Patrimonial. Porém, vale salientar que a autora não faz referência ao Museu como sendo uma instituição fronteiriça.

Postulamos que, além do que Nogueira nos ensina, o MUHPAN tende a dar determinado suporte cultural aos cidadãos bolivianos/brasileiros sobre fatos históricos e eventos ocorridos em Corumbá e nas demais regiões pantaneiras, o que acreditamos ser essencial para reforçar a cultura na fronteira Brasil-Bolívia.

Sem perdermos o foco das questões museológicas e fronteiriças, nos permitimos questionar o seguinte: o que é Educação Patrimonial? Existem várias definições, sendo que a mais utilizada atualmente é a que foi estabelecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), (s/d), que nos diz que “Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural, como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo”.

Talvez, por falta de uma divulgação mais incisiva, contundente e eficaz nos mais variados meios de comunicação existentes, o museu não tem alcançado uma maior dimensão a ponto de externar a riqueza museológica existente em seu interior.

No caso do MUHPAN, é nítido que os exemplares pertencentes às coleções nos museus tendem a dialogar com as exposições e, conseqüentemente com os visitantes. É como se os exemplares e o público estivessem ligados por “fios condutores invisíveis” e conectados às suas emoções, causando-lhes determinado encantamento. Notamos que mesmo que o visitante chegue, às vezes, sem muito interesse pelo Museu, ao final da visita normalmente, já mudou de ideia. Sai com outra visão de determinados pontos da história regional e fronteiriça.

Valendo-nos da Oralidade, onde demos voz aos atores sociais que visitam o museu, através de diálogos informais, percebemos que na maioria das falas, existe uma determinada admiração e “encantamento” por parte dos visitantes pelo que o Museu, apresenta e que raramente há alguma crítica negativa. Quando essa crítica ocorre, a mesma se dá sobre a estrutura e acessibilidade do espaço ou sobre a organização e higienização do acervo museológico, mesmo tendo à disposição, canais específicos para tal intento. Inclusive, muitas das falas são registradas por escrito, pela própria pessoa, no Livro de Registro de Visitante do museu. Também, conforme o livro de visitas, há recorrências nas visitas.

A seguir, apresentamos algumas das falas de visitantes do MUHPAN ocorridas em 2022. Aqui seguem-se falas com críticas positivas ao museu:

L. C. C.: *“Maravilhoso! Conhecendo a história do meu estado”.* (Campo Grande-MS)

F. D.: *“É de uma grandiosidade e simplicidade comovente”.* (Blumenau-SC)

G. C. S.: *“Já visitei várias vezes e sempre tenho uma experiência nova.”* (Corumbá-MS)

R. C.: *“Tão feliz de o museu estar aberto.”* (Corumbá-MS)

E. M.: *“Lugar importante para a comunidade.”* (Corumbá-MS)

S. M. C.: *“Uma maravilha, obrigada por zelarem de tudo isso.”* (Sorriso-MT)

E. B.: *“Agradecemos o Museu de História do Pantanal, pela acolhida e ser nosso apoio no ensino da história regional. Muitos dos nossos quando vem servir a pátria nesta região, não tem o conhecimento necessário no campo da história e o museu nos dá esse suporte mesmo que parcialmente.”* (Corumbá-MS)

Aqui, seguem-se falas com críticas negativas ao museu:

D: *“Falta uma boa reforma”.* (Corumbá-MS)

E. P.: *“Top, até o pózinho!”* (São Paulo-SP)

S. H.: “Muito bom, mas faltam algumas informações importantes.” (Corumbá-MS)

D. S.: “Faltou ligar multimídia.” (Corumbá-MS)

A. L.: “Falta uma boa reforma, mais guias e vigilante.” (Corumbá-MS)

Nesse sentido, Arf nos dá determinado embasamento para a construção do nosso registro literário sobre a oralidade em torno do MUHPAN, quando diz que:

A literatura é empregada como uma das ferramentas para melhor compreender a mudança que se enuncia, pois pode ser pensada como um lugar de múltiplas histórias, saberes e falas, lugares de cultura e enunciação, já que todo texto literário é um espaço discursivo no qual aflora os registros das diversas práticas e pertencimentos culturais de uma determinada região, e que, portanto, devemos considerar a região como elemento constitutivo do discurso do texto literário, onde se abarcam as vozes e registros de uma geografia regional (ARF, 2020, p.14).

Há de se destacar que o circuito expositivo do Museu de História do Pantanal (MUHPAN) não é linear e não segue um critério cronológico, conforme nos ensina Correa e Correa (2013) em sua obra “A história do Pantanal contada pelo MUHPAN”. Segundo tais autores, isso é proposital no sentido de levar o visitante a obter uma visão ampla e articulada da formação histórica do Pantanal e da ocupação humana, dando conta das características únicas: pluralidade, multiplicidade e complexidade.

Dentre as várias concepções sobre um museu, devemos destacar o caráter pedagógico e educacional dessa instituição. O diálogo pedagógico que se estabelece dentro dos museus é de suma importância para o desenvolvimento cognitivo de crianças e jovens, e apresenta formas de alicerçamentos do aprendizado através das exposições temáticas que se pode encontrar nesses espaços culturais. Contextualizando o âmbito do MUHPAN, é nesse processo de ensino e aprendizagem que inúmeros alunos de escolas públicas e particulares podem contemplar e explorar o universo pedagógico que existe internamente ao museu. Exposições, maquetes, explanações, palestras, visitas guiadas ou mediadas, constituem tal universo e permitem possibilidades de enriquecimento do aprendizado.



Figura 4: Visita de alunos de uma escola da Rede Municipal de Ensino de Corumbá e Contação de histórias para alunos de uma escola da Rede Municipal de Ensino de Corumbá. Acervo da autora, 2022.

Atualmente o Museu de História do Pantanal (MUHPAN), tem recebido uma gama de alunos de várias escolas e educandários que compõem esferas da sociedade Corumbaense. Há de se registrar aqui, que grupos de educadores bolivianos, também, frequentaram o museu, no ano de 2021, com o intuito de adquirirem conhecimento e, posteriormente, multiplicá-los em seu país.

Porém, desde 2022, não foi mais observado o contato desse grupo de profissionais da área do ensino boliviano com o MUHPAN. É possível que algum educador boliviano tenha voltado, mas caso isso tenha ocorrido, deve ter sido de forma individual.

1.4 A Museologia Contemporânea

Museus, em suas diferentes tipologias, são instituições complexas e instigantes, cuja gestão pressupõe o atendimento de demandas muitas vezes conflituosas que exigem ações integradas para otimizar recursos financeiros e humanos, em paralelo ao desenvolvimento de ações de pesquisa, de salvaguarda, de documentação e de comunicação (MARTINS, 2016, p. 9). Isso não é diferente quando pensamos no Museu de História do Pantanal (MUHPAN).

Por se tratar de um museu vinculado à Administração Pública Municipal, desde 2020, ele passa pela rotina administrativa do município e depende de recursos financeiros advindos do poder público para que suas demandas sejam atendidas. Atualmente, o museu de História (MUHPAN), sofre com a falta de manutenção estrutural e de alguns objetos indispensáveis ao bom funcionamento, fato este que põe em risco a excelência do atendimento ao público,

causando deficiência no trabalho executado ao longo do dia. Isto deve ser ato contínuo e constante.

Porém, não podemos deixar de informar que o poder executivo da municipalidade vem trabalhando no sentido de buscar recursos para a realização de tais manutenções, as quais foram iniciadas já no final do segundo semestre de 2021, com a nova equipe de gestão.

Os projetos de reforma, manutenção e adequação do espaço museológico são desenvolvidos pela equipe de engenheiros e arquitetos da Secretaria de Infraestrutura SEINFRA/PMC. Já os recursos financeiros para a execução dos projetos são captados junto ao Governo Federal, Governo do Estado, além de destinação de recursos próprios da municipalidade (PMC). Há a possibilidade de captação de recursos financeiros de terceiros através de parcerias com empresas privadas.

Vale ressaltar que, conforme Lewis (2004), os museus públicos surgem devido ao espírito enciclopédico do denominado Esclarecimento Europeu. Segundo os ensinamentos de Boylan:

Os museus devem permanecer fiéis aos valores tradicionais do museu e continuar a enfatizar a preservação e desenvolvimento do acervo que providencia testemunhos físicos da cultura e do meio ambiente do território escolhido pelo museu, quer este seja um simples local histórico ou arqueológico, uma cidade, uma região ou um país inteiro. (BOYLAN, 2004, p.7).

Infelizmente, por ter o caráter primário de salvaguardar objetos e documentos antigos, o MUHPAN foi por certo tempo visto por muitos como um mero depósito de “quinquilharias”, de objetos velhos que não seriam mais usados. Todavia, Marecos (2009), pondera que a primitiva função atribuída ao museu de guardar e mostrar objetos e documentos de significado histórico, expande-se atualmente a várias áreas do saber, acompanhando o processo de transformação das sociedades mediante adaptações que estão muito distantes de serem homogêneas e de caminhar na mesma direção.

Novas formas de se conceber e entender o espaço museológico surgiu ao longo do tempo e remetem a transformações das ações internas, visando o atendimento, ao mesmo tempo, de demandas pedagógicas e de divertimento da sociedade. Atualmente, as instituições-museus passaram a ser entendidas, não mais como túmulos guardiões de acervos, mas como um dos elementos estruturadores das políticas culturais da cidade (FABIANO JUNIOR, 2007, p.39).

Segundo Marecos (2009, p.18), é uma junção de saberes pluridisciplinares que têm por objetivo a concretização do museu como espaço lúdico e meio de aprendizagem, onde a cultura se impõe essencialmente numa fonte de saber e prazer.

Seguindo este raciocínio, um espaço museológico deve proporcionar possibilidades de discussões culturais e científicas sobre as linhas temáticas nele inseridas ou que tenham interesse coletivo. Podemos então, visualizar e entender o Museu de História do Pantanal, MUHPAN como sendo um espaço de vivência e convivência onde as interlocuções e interações podem e devem ocorrer normalmente, favorecendo a criação de elementos que deem subsídios para a formação de pensamentos científicos que possam contribuir com o desenvolvimento social.

Entendemos que, um museu é um campo fértil, para que, através dos objetos e documentos antigos que tenham algum significado histórico, a cultura e a ciência sejam produzidas, protegidas e propagadas, individualmente ou em conjunto. Mesmo que um indivíduo não esteja diretamente envolvido no processo de produção, de difusão ou de ensino e aprendizagem da ciência, ainda assim é por meio da divulgação científica que ele participará ativamente “nesse amplo e dinâmico processo cultural em que a ciência e a tecnologia entram cada vez mais em nosso cotidiano” (MARTINS, 2016, p.14).

Isso se torna possível valendo-se da propaganda institucional e da divulgação das ações, às quais devem ser veiculadas socialmente. Há estudos, tais como o de Martins (2016) que tratam do marketing museológico, como forma de comunicação com um determinado público, divulgando assim, as ações da instituição. Segundo tal autora, os museus como entidades ou organizações abertas ao meio social em que se inserem, encaixam nesta designação, no sentido de que também eles procuram a comunicação com o mercado-alvo e com a sociedade em que se encontram inseridos, procurando a satisfação das necessidades daqueles que os visitam.

Na maioria das sociedades atuais, onde a busca por consumo advém de todos os setores, inclusive do setor social, a procura pela satisfação de consumir algo ou alguma coisa está inserida no cotidiano das pessoas. Consequentemente, acreditamos que os museus e todas as formas de cultura tendem a suprir momentaneamente os desejos daqueles que os utilizam.

Consideramos que em toda história da humanidade o acesso a bens culturais nunca esteve tão em evidência como agora. Os meios de comunicação em conjunto com as facilidades de acessos virtuais em praticamente todas as redes sociais, provenientes das tecnologias disponíveis através da informática e suas áreas de conhecimento e afinidade, facilitaram a entrada de grandes instituições ao meio cultural virtual.

Acessar, por exemplo, o Museu do Louvre e viajar por ele é tão possível e está tão disponível em plataformas digitais, quanto acessar uma conta bancária, via aplicativo. O acesso aos grandes museus mundiais para visitar suas coleções se tornou algo viável e prático.

Entretanto, não devemos deixar de considerar que mesmo com todas as facilidades tecnológicas existentes na atualidade, ainda existem sociedades que não conhecem tais facilidades, muitas vezes vivendo inclusive à margem de outras sociedades, que por ventura as dominam de algum modo. Há necessidade de se implantar ferramentas tecnológicas no Museu de História do Pantanal (MUHPAN).

Devemos salientar ainda, que o Museu de História do Pantanal (MUHPAN), por estar em fase final de transição do poder privado para poder público, ainda não possui tal acesso, pois carece de autorização ou aval da Fundação Barbosa Rodrigues, sua criadora e antiga mantenedora, para que suas bases midiáticas, logótípicas e de arte visual possam ser utilizadas e disponibilizadas oficialmente pela Fundação da Cultura e do Patrimônio Histórico de Corumbá.

Outrossim, a museologia contemporânea se apoia em descobertas tecnológicas que dão determinado suporte às grandes coleções, tanto no manuseio e trato diário quanto na conservação de objetos frágeis em exposições.

Na antiguidade apreciar arte e conseqüentemente os bens culturais existentes era algo disponível tão somente às classes sociais mais abastadas. Atualmente, o acesso a todas as formas de lazer cultural se apresenta de várias formas, possibilitando ao cidadão a oportunidade de conhecê-las, bastando ter algum interesse em se comunicar com elas. “Conhecer para preservar”, é uma frase usual no dia a dia cultural e que tem grande profundidade e relevância, pois, somente através do conhecimento adquirimos o desejo de cuidar e de se apropriar dos bens culturais que nos rodeiam.

Porém, segundo Scifoni (2019, p.18), no contexto atual a referida frase já não faz mais sentidos, considerando a evolução cultural ocorrida ao longo dos anos. O que se pretende não é negar a importância de se estimular a preservação a partir do conhecimento sobre o patrimônio, mas contestar a interpretação de que há uma relação indissociável e de causalidade direta estabelecida entre os dois termos, como se o conhecimento levasse, necessariamente, à preservação do patrimônio.

Segundo a mesma autora, a tríade: conhecimento, apego e preservação, vem de um tempo em que havia real necessidade de se manter viva parte da nossa história, enquanto nação, através dos bens culturais existentes e que possivelmente estariam prontos, inclusive, para serem demolidos em nome da modernidade.

Capítulo 2

Cultura de Desenvolvimento

“O que faríamos sem uma cultura.”
Mary Midgley

2.1 Instituições, Identidade e Memória

As instituições são fundamentais à compreensão das diferentes trajetórias de crescimento econômico, tanto em nível macro quanto em microeconômico, torna-se necessário defini-las e identificá-las, o que não é tarefa tão fácil quanto se aparenta.

Conceição (2002, p. 119) assegura que, o conceito de instituição em Veblen⁴, pode ser resumido como um conjunto de normas, valores e regras e sua evolução. Tais fatores resultam de uma situação presente que molda o futuro através de um processo seletivo e coercitivo, orientado pela forma como os homens veem as coisas, o que altera ou fortalece seus pontos de vista.

Segundo Rossi (1995) e Flandoli (2009), para compreender a cidade, é preciso estudar as relações entre esta e as instituições.

As instituições, de forma geral, têm uma importância valorosa, com relevância político-histórica e que por vezes podem representar um marco paisagístico para as fronteiras. Conforme mencionado por Oliveira (2013), em Corumbá-MS, na fronteira Brasil - Bolívia, há inúmeras instituições públicas que representam esferas do poder constituído e que, de certo modo, produzem uma imposição nacional. Marinha, Exército, Aeronáutica, Polícias Federal, Militar, Ambiental, Civil e Rodoviária Federal, Bombeiros Militares, Universidade Federal, Instituto Federal, Receita Federal, Caixa Econômica Federal, IBAMA, IPHAN, Prefeitura Municipal, Guarda Civil Municipal, dentre outras. Tais instituições conferem um sentimento de pertencimento nacional à cidade de Corumbá e seus municípios e possivelmente lhe seja imputado determinado poder cerceador, considerando que quase todas as instituições têm caráter de controle e fiscalização, e estão instaladas em uma zona de fronteira.

Podemos considerar que a presença dessas instituições nesta região fronteiriça é de suma importância não só para o resguardo da ordem social, mas também para a própria manutenção do cotidiano fronteiriço, considerando o fluxo de brasileiros e bolivianos, através da linha de fronteira.

No entendimento geral de Machado (2000), atualmente os lugares de fronteira vivem tempos de incertezas, e uma dessas incertezas é saber em que sentido o Estado territorial está evoluindo. De acordo com a autora, alguns componentes se destacam nessa discussão: o primeiro deles é o componente institucional, a ocorrência simultânea de distintas concepções da forma de controle dos limites e das fronteiras no âmbito das instituições governamentais, com efeitos sobre a distribuição de poder.

Segundo Sherma (2012), as fronteiras são regiões geográficas que se distinguem das demais especialmente pelo fato de que nelas, as interações internacionais são uma realidade cotidiana. Para Oliveira (2009), as localidades fronteiriças desenvolvem relações interculturais sem, contudo, desmotivar a identidade cultural. Na visão de Borges e Silva (2010), a fronteira é concebida não somente como um fato geográfico ou uma representação cartográfica, mas um fato histórico e de relacionamentos sociais.

Para Oliveira (2009), ainda que faltem muitos estudos sobre as fronteiras da América do Sul, é possível “arriscar” e academicamente dizer que estas localidades se apresentam, hoje, muito mais como elos de integração do que como pontos de discórdia mesmo que discórdias existam. Percebemos que o viver na fronteira é uma complexidade de acontecimentos, onde as relações socioeconômico-cultural e de poder, se misturam de ambos os lados da linha fronteiriça.

Retomando as atenções ao Museu de História do Pantanal (MUHPAN), entendemos que este espaço museológico tende a representar o perfil identitário de populações que constituíam a porção Oeste do antigo estado de Mato Grosso integrado e conseqüentemente fronteiriça. Saberes, modo de falar, modo de fazer utensílios e objetos, vestimentas, música, comidas, festas, manifestações de fé, etc., são manifestações culturais que identificam tais populações ao longo da planície pantaneira e na cidade de Corumbá.

Todavia, é válido lembrar que conforme Miranda (2012, p.14), o conceito de identidade tem sua origem na filosofia. Utiliza-se este conceito para descrever algo que é diferente dos demais, porém idêntico a si mesmo.

Segundo Ferreira et al. (2003, p.107), a formação da identidade recebe a influência de fatores intrapessoais “as capacidades inatas do indivíduo e as características adquiridas da personalidade”, de fatores interpessoais “identificações com outras pessoas” e de fatores culturais “valores sociais que uma pessoa está exposta tanto global quanto comunitários”.

Ao mesmo tempo em que sua história se mescla com a história das cidades, o sentido de tempo, preservado em seus interiores, mesmo em museus contemporâneos mantém-se, muitas vezes, inalterado. Assim, é possível afirmar que o lugar abriga possibilidades de ser, a um só tempo, relacional, identitário e histórico (FABIANO JUNIOR, 2007, p. 44).

Segundo Costa (2010, p.74), é justamente por fazer parte da fronteira entre dois países, que os moradores dessas regiões podem negociar e manipular a fronteira de acordo com seus interesses, utilizando esta situação ambígua em proveito próprio.

Costa (2010, p.76), ainda nos ensina que em um determinado estudo de caso feito por Flynn (1997, p. 312-313), os moradores fronteiriços adquiriram “uma profunda e estável

identidade” através da qual definem a si mesmos e as relações com os “outros”, resumida no seguinte termo: “nós somos fronteiriços”.

Segundo Arf (2020), as identidades são postas em oposições, revelando-se uma a outra, tendo seus traços caraterísticos evidenciados.

Hahn e Baller (2013, p. 137) dizem que, no tocante a isso não queremos anular outras perspectivas, mas compreender que a identidade e os aspectos culturais ligados a ela comportam uma ampla gama de simbolismos, estabelecem os significados das manifestações, mas deixam lacunas.

O Museu de História do Pantanal (MUHPAN) possui no acervo inúmeras peças, documentos e outros elementos tais como a reprodução da arte rupestre da região, disponíveis em um circuito interno, que tratam historicamente e arqueologicamente sobre o homem pantaneiro desde a povoação do pantanal até o auge da navegação e do comércio em Corumbá.



Figura 5: Representação dos petróglifos, referentes à ocupação humana inicial do Pantanal, situados nas imediações do Morro do Urucum. Acervo do MUHPAN (2008).

Isso imputa ao Museu de História do Pantanal (MUHPAN), uma identidade fronteiriça. Mas, como manter uma identidade e “lealdade” às raízes na era da globalização e da “eliminação” das fronteiras geográficas e políticas? (MARTINS, 2006, p.277).

Sob a ótica de Hugo Achugar, Martins diz que:

A ideologia dominante internacional endossa, apoia e apresenta o processo organizacional da globalização como sinônimo de progresso, uma construção benéfica de “um mundo só”. Podemos entender esse enunciado ambíguo como um mundo isolado ou homogêneo. Porém, o que percebemos é uma realidade bem

diferente e uma dinâmica perversa de um sistema econômico que induz à polarização. Há uma angústia, uma necessidade imposta por esse processo pós-moderno e industrializante de encontrarmos um Eu maior. Seria interessante, diante dessa perspectiva, que, ao invés de termos uma carteira de identidade, tivéssemos uma carteira de diferenças. Algo que demonstrasse nossas peculiaridades, aquilo que nos torna diferente e especial. (MARTINS, 2006, p.277)

Ampliando os entendimentos sobre o contexto museológico, acompanhamos os ensinamentos de Queiroz e Lima (2020, p.44), que dizem que é importante ressaltar que é preciso compreender que os museus não são apenas arquiteturas com exposição de artefatos para ilustrar narrativas reconhecidas como grandiosas ou consagradas por uma comunidade, nem apenas lembranças contadas pragmaticamente com fins de entretenimento.

Devemos ter em mente que o MUHPAN é uma instituição que preserva memórias e elementos históricos na fronteira Brasil-Bolívia e assim sendo, é transfronteiriço e de grande interesse coletivo.

Na concepção de Arf (2020), a denominação fronteira esconde um território onde as memórias e as recordações de ontem são caminhos poucos percorridos, são lembranças esquecidas que não conhecem o presente e, da mesma forma, não conhecerão o futuro.

A memória das pessoas que vivem no Pantanal e que também são fronteiriças é o que motiva a investigação histórica e da representatividade sociocultural do Museu de História do Pantanal (MUHPAN), na fronteira Brasil-Bolívia, explorando questões relativas à preservação dessa memória e da cultura pantaneira, regional, em diálogo com a antropologia e narrativas orais.

Sobre história e memória, Nora (1983) diz que, a história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido sempre no eterno presente. A memória é a vida sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações (NORA, 1983, p.9).

Le Goff (1990), quando trata da memória como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

Pollak (1992) diz que, além de acontecimentos, a memória é constituída por pessoas, personagens. Porém, o longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a

resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais (POLLAK, 1989, p.3).

Toda a tradição histórica desenvolveu-se como exercício regulado da memória e seu aprofundamento espontâneo, a reconstituição de um passado sem lacuna e sem falha (NORA, 1983, p.10).

Na concepção de Hartmann (2010), uma das expressões simbólicas que dá forma à memória e à experiência cotidiana, permitindo que sejam transmitidas e transformadas, como é, justamente, a narrativa oral. A linguagem oral é um dos aspectos fundamentais de nossa vida, pois é por meio dela que nos socializamos, construímos conhecimentos, organizamos nossos pensamentos e experiências, ingressamos no mundo. Assim, ela amplia nossas possibilidades de inserção e de participação nas diversas práticas sociais (CHAER e GUIMARÃES, 2012, p.72).

Nesse sentido, discutiremos sobre cultura, a fim de darmos suporte às bases de entendimento sobre identidade e memória. Até o século XVI, o termo era geralmente utilizado para se referir a uma ação e a processos, no sentido de ter “cuidado com algo”, seja com os animais ou com o crescimento da colheita, e também para designar o estado de algo que fora cultivado, como uma parcela de terra cultivada (CANEDO, 2009, p.2).

Segundo Canedo (2009), a partir do final do século passado ganha destaque um sentido mais figurado de cultura e, numa metáfora ao cuidado para o desenvolvimento agrícola, a palavra passa a designar também o esforço despendido para o desenvolvimento das faculdades humanas.

Santos (2013) nos ensina que, através do prisma antropológico, podemos considerar que a cultura é o modo como o homem interage com o meio ambiente.

Da Matta (1981) diz que, cultura é um conjunto de regras que nos diz como o mundo pode e deve ser classificado. Cultura é, em Antropologia Social e Sociologia, um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas (DA MATTA, 1981, p.01)

Para Nogueira (2009), ao falarmos em cultura, nos remetemos ao homem e às identidades e alteridades, considerando as suas diferenças.

Da Matta (1981) ensina que, a cultura permite traduzir melhor a diferença entre nós e os outros e, assim fazendo, resgatar a nossa humanidade no outro e a do outro em nós mesmos.

Moraes (2007), diz que os intelectuais, militantes e artistas produziram uma América Latina que enfatiza a cultura e as instituições locais e nacionais. Nesse contexto, ao

aprofundarmos na temática dos Museus, onde ressaltamos o Museu de História do Pantanal (MUHPAN), entendemos que a tendência será englobar, refletir e trazer à tona junto ao nosso estudo os temas instituições, memória, cultura e fronteira, conjuntamente. Ousamos acreditar que as interações que acontecem dentro do espaço museológico vão muito além de um simples intercâmbio social.

Em uma rápida viagem à antiguidade, a partir de ensinamentos de Araújo (2014), constatamos que as Musas, entidades mitológicas da Grécia Antiga, eram as responsáveis pela inspiração artística e da ciência e que, na mitologia grega, eram nove Musas, filhas de Mnemosine – identificada com a memória, e Zeus, identificado com o poder. “Assim, os museus são a um só tempo: herdeiros da memória e do poder” (ARAÚJO, 2014, p.17). Semelhantemente, Le Goff (1990), afirma que os Gregos da época arcaica fizeram da Memória uma deusa, Mnemosine. É a mãe das nove musas que ela procriou no decurso de nove noites passadas com Zeus.

Para Moreira (2007), falar das musas não é falar do passado. Ao contrário. Por isso podemos afirmar que os museus são lugares de criação, diálogo e preservação do aqui e do agora.

Para Queiroz e Lima (2020, pg.44), os museus são, sobretudo, espaços de produção de conhecimento e de (des/re) construção de histórias e memórias em meio às complexas relações de poder. A partir deste raciocínio, podemos entender que o Museu de História do Pantanal (MUHPAN), consegue produzir conhecimentos através do seu rico acervo de forma a contribuir significativamente com os seus visitantes, sejam eles oriundos da própria cidade ou não.

Vale salientar que, para Fabiano Junior (2007, p.13), a mais antiga experiência museológica de que se tem notícia no Brasil remonta ao século XVII e foi desenvolvida durante o período da dominação holandesa, em Pernambuco. Tal autor ainda nos ensina que, essa ação consistiu na implantação de um museu (incluindo jardim botânico, jardim zoológico e observatório astronômico) no grande parque do Palácio de Vrijburg.

Entretanto, considerando as particularidades do Museu de História do Pantanal, reconstruir e ou desconstruir de alguma maneira, por exemplo, alguns dos episódios que possivelmente ocorreram durante a Guerra da Tríplice Aliança é um desafio muito grande e conflitante, e que requer muita serenidade. O Museu de História do Pantanal (MUHPAN) é visitado, mesmo que de forma sazonal, por vários cidadãos paraguaios, individualmente ou em grupos, os quais muitas vezes são compostos por descendentes. Muitos acontecimentos do referido conflito bélico constituem uma memória da história paraguaia importantíssima para

os nacionais paraguaios e teoricamente ainda remetem ao imaginário e acionam os sentimentos de muitos daqueles cidadãos, seja direta ou indiretamente, de forma favorável ou não, ao que a exposição retrata através do prisma da memória histórica brasileira. Para se ter ideia, a “grosso modo”, aqueles que para a nação brasileira são tomados como heróis, podem ser tomados como vilões pela nação paraguaia e vice-versa, conforme as versões históricas de cada nação. O que para os brasileiros pode ser um fator positivo, para o nacional paraguaio ou boliviano pode ser um fator negativo e vice-versa.



Figura 6: Maquetes expositivas representando episódios da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai. Acervo do MUHPAN (2008).

2.2 Identidade, Cultural e Fronteira

Um outro fator a se considerar é que em Corumbá se torna possível perceber a identidade fronteiriça, através das festividades e manifestações populares relacionadas à fé. A maioria das grandes manifestações pertencentes ao patrimônio imaterial boliviano que ocorrem do lado brasileiro, são de cunho religioso e durante todo ano diversas atividades culturais envolvem os dois países. A transposição do limite internacional, por parte de nacionais bolivianos se dá não só para a participação do carnaval, mas também para a celebração religiosa em comemoração à Virgem de Urkupiña, em solo brasileiro, o qual é um acontecimento anual que marca de forma contundente a relação cultural entre os nacionais dos dois países.

Martins e Oliveira Neto (2014, p.02), dizem que é nos espaços de poder, que a representação das festas denota a identidade boliviana sendo preservada e inserida no

território brasileiro, ainda que traga consigo certas dificuldades de inserções nas estruturas do estado e da igreja.

Para Costa (2010, p.69), as fronteiras entre estados nacionais são locais de encontro de diferentes sistemas políticos e econômicos, onde a interação social permite uma circulação e apropriação de diferentes tradições por parte dos moradores fronteiriços.

Martins e Oliveira Neto (2014. p.03), ainda nos ensinam que Corumbá foi considerada oficialmente pelo Ministério da Integração “cidade gêmea”, via Portaria n. 125, de 21.03.2014, por apresentar grande potencial de integração econômica e cultural com os países vizinhos. Nesse sentido, podemos observar a presença e a importância de preservar o patrimônio cultural fronteiriço, as festas religiosas, culturais, gastronômicas, os saberes e fazeres impregnados de simbologias e inseridos no cotidiano local.

Não obstante, além das exposições sobre a Guerra da Triplice Aliança, do Trem da Noroeste do Brasil e da salva-guarda de fotos, de inúmeros objetos utilizados em diferentes locais dentro do Pantanal e de registros que tratam da navegação pelo rio Paraguai, o MUHPAN realiza exposições temporárias referentes aos festejos de São João, ao dia da Consciência Negra, ao aniversário de Corumbá, ao Carnaval, dentre outros, produzindo assim, campo para a rememoração de fatos, acontecimentos e festejos. Todavia, é importante salientar que apesar disso o MUHPAN não realiza nenhuma exposição referindo-se aos festejos religiosos ou culturais da Bolívia nem do Paraguai. Nesse sentido é possível entender que determinadas memórias permanecem vivas através das manifestações populares e através dos arquivos expositivos do museu e outras se perdem progressivamente ao longo do tempo, por falta de sua rememoração e arquivamento em espaços museológicos.

A partir deste entendimento, consideramos de grande valia elencarmos brevemente algumas das principais atividades culturais que fazem parte da estrutura social de Corumbá. Não obstante, devemos salientar que não temos o intuito de discutirmos religiosidade, mas sim apresentarmos os eventos e atividades que de forma indireta ou diretamente estão relacionados a tal temática e que têm importante aspecto sociocultural em Corumbá-MS, na fronteira entre o Brasil e a Bolívia. Seguindo o calendário cívico anual podemos tecer o seguinte painel:

No dia 02 de fevereiro ocorre a comemoração do dia da padroeira de Corumbá, Nossa Senhora da Candelária, santa da Igreja católica que é sincretizada⁵ com o Orixá⁶ das religiões

⁵ Elementos de correntes diferentes, agrupados em forma de combinação. Termo utilizado pela Umbanda onde se unem elementos católicos

de matrizes africanas, Iemanjá. Ainda nesse mês tem ocorrido ultimamente o Festival de Pesca de Corumbá. Logo após essa comemoração, ocorrem os festejos relacionados ao Carnaval, entre fevereiro e março. Este é um momento cultural que possui particularidades que vão desde desfiles de Blocos de Sujo⁷ a desfiles de Escolas de Samba, os quais têm regras definidas visando também uma determinada competição, passando por desfiles de fantasias, de Cordões e de Pastorinhas, Frevo, Marinheiros, etc. que relembram antigos carnavais. Finalizados os festejos do Carnaval, inicia-se a quaresma, onde ocorre a preparação para a Semana Santa, Nesta ocasião há a peregrinação à *via crucis* no Morro do Cruzeiro, com obras esculpidas pela artesã D. Izulina Xavier.

No mês de junho, ocorrem no dia 13 as festividades relacionadas ao episódio da Retomada de Corumbá durante a Guerra da Tríplice Aliança ou Guerra contra o Paraguai, ocorrida entre 1864 e 1870 e que envolveu o Paraguai, a Argentina, o Uruguai e o Brasil. Ainda na noite entre os dias 23 e 24, ocorrem as festividades referentes ao “Banho de São João”, que se tornou tradição em Corumbá-MS e também em Ladário-MS e foi declarado como Patrimônio Imaterial pelo IPHAN. Este santo da Igreja católica é sincretizado com o Orixá Xangô⁸. Nesse festejo ocorre a apresentação de grupos de danças e músicas tradicionais, tais como, as quadrilhas o Siriri e o Cururu.



Figura 7: Festejo do Banho de São João, em Corumbá-MS. Acervo: IPHAN (06/2014)

⁶ Deuses, divindades cultuadas pela religiõesde matrizes africanas. No Brasil é utilizado no Candomblé e na Umbanda. O termo pode significar também, chefe de cabeça.

⁷ Blocos carnavalescos que não tem fantasias unificadas, reunindo-se para festejar a festa momesca de forma independente, sem compromisso com regras de desfiles oficiais.

⁸ Soberano do reino de Oyó, reino Iorubano entre a Nigéria e Benim. Orixá cultuado no Candomblé e na Umbanda. Senhor do fogo, raios, trovões e da justiça. Sincretizado na Umbanda como São João Batista (Xangô das Pedreiras e da Justiça e com São Jerônimo, Xangô de Lei).



Figura 8: Louvação ao orixá Xangô, na Tenda Umbandista da saudosa Mãe Janete. Acervo: IPHAN (06/2014)

É válido lembrar que entre os meses de fevereiro e junho ocorrem várias outras festividades de cunho religioso, além do Festival América do Sul – Pantanal.

Nos dias 15 e 16 de julho comemora-se Nossa Senhora do Carmo, padroeira do Distrito de Forte Coimbra, também em referência á episódios ocorridos durante a Guerra contra Paraguai.

Em agosto, mais precisamente no dia 15, ocorre a festa de Nossa Senhora de Urkupiña, santa da Igreja católica, cultuada na Bolívia. Segundo Martins (2016), trata-se de uma das mais importantes festas religiosas e folclóricas da Bolívia e possui o título de Padroeira da Integração Nacional Boliviana.

Já no mês de setembro ocorrem as comemorações alusivas à semana da pátria no dia 7 e ao aniversário da cidade no dia 21. Logo em seguida ocorre a Marcha Para Jesus que é um evento gospel de grande proporção, realizado com o apoio do COREME (Conselho Regional de Ministros Evangélicos de Corumbá).



Figura 9: Marcha para Jesus, em Corumbá-MS. Acervo: Prefeitura Municipal de Corumbá. (25/09/17).

Também no mesmo mês, no dia 27, comemoram-se tradicionalmente os santos católicos Cosme e Damião, os quais são sincretizados com o Orixá Ibeji, nas religiões de matriz africana. Mês de novembro as festividades são decorrentes do dia da Consciência Negra. E, em dezembro além das Festividades relacionadas ao Natal, com cenário natalino montado na Praça da Independência e de Reveillon, há louvações aos Orixás Iansã, no dia 04 e Oxum no dia 08. Estes orixás são sincretizados com as santas católicas Santa Bárbara e Nossa senhora da Conceição Imaculada, respectivamente. No dia 30 acontece na Prainha do Porto Geral, a louvação ao Orixá Iemanjá, encerrando o ciclo de festividades anuais de Corumbá-MS. Concomitantemente entre os dias 7 e 8 desse mês, ocorrem os festejos relacionados à Virgem de Cotóca, santa da Igreja Católica cultuada pelos bolivianos e que tem relação com Nossa senhora da Conceição Imaculada.

Nota-se que as festividades que ocorrem em Corumbá, são tradicionais e estão de alguma forma, em grande parte, relacionadas à religiosidade, tanto brasileira quanto boliviana, envolvendo em vários momentos a fusão de elementos Católicos e elementos da Umbanda, Candomblé, por conta do sincretismo religioso.



Figura 10: Celebração de Nossa Senhora da Candelária, Corumbá-MS. Acervo: Campo Grande News. Autor: José Roberto dos Santos (26/03/22).

Apesar de haver uma complexidade inter-relacional, como por exemplo, falhas na comunicação, atribuídas às diferenças linguísticas (BARREDA et al., 2104, p.110), um fator preponderante relacionado aos festejos elencados é que os nacionais bolivianos ultrapassam o limite fronteiriço para acompanhar em Corumbá, as festas brasileiras como para realizar festas bolivianas, nesse caso especificamente a tradicional festa de Nossa Senhora de Urkupiña.

Martins (2016) nos corrobora quando diz que, Corumbá e sua história testemunham a presença de variadas nacionalidades, distrações, festas e costumes que acabam por promover, interações e diálogos de significativa importância cultural e social, revelador duma dinamicidade fronteiriça, na qual se inserem, ainda que modestamente, as festas à padroeira boliviana, a Virgem Urkupiña.

Em nosso entendimento, o acervo do MUHPAN tem brechas e possibilidades que permitem a inclusão dos vários temas culturais, promovendo uma conversação entre si.

Assim, acreditamos que o MUHPAN tem a capacidade de acomodar exposições itinerantes que versem sobre os temas culturais, de caráter imaterial, elencados acima, sendo possível acolhe-las em seu âmbito museológico. Carnaval, Festão de São João, Louvação à Iemanjá, etc. são sem dúvida temas que fazem parte da cultura imaterial, em Corumbá. Entendemos que isso seja um diferencial e um potencial a ser aproveitado, agregando valores culturais ao espaço museológico, o que auxiliará na entrega de um produto final à sociedade.

Capítulo 3

Patrimônio

“Cultura é o que fica depois de se esquecer tudo o que foi aprendido.”

Selma Lagerlof

3.1 As coleções que dialogam com a fronteira

Os objetos e coleções que fazem parte de acervos e exposições museológicas constituem um imensurável patrimônio histórico e cultural, que está disponível ao público para contemplação usual ou para consolidação de processos de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, há necessidade de se proteger e salvaguardar esse patrimônio.

Ooesterbeek (2015) diz que, as preocupações com o patrimônio surgiram no bojo da formação dos Estados nacionais e estiveram ligadas a dois aspectos nem sempre propensos à liberdade: o nacionalismo e o imperialismo. Tal autor, ainda nos diz que:

Em grande medida, a evolução do conceito de patrimônio cultural nas últimas décadas, deslocando-se progressivamente da esfera dos monumentos e sítios para a esfera das paisagens culturais, visou acomodar a crescente diversidade e divergência de interesses socioculturais, tentando oferecer a cada um deles o direito à coapropriação de um conjunto de marcadores territoriais, na esperança de que tal evitasse rupturas e novos conflitos de fronteira. (OOESTERBEEK, 2015, p.17).

Em nosso caso, isso reforça a importância de se tratar da questão patrimonial que existe no âmbito do Museu de História do Pantanal (MUHPAN), e da relação que o acervo tem com a fronteira Brasil-Bolívia. Nesse sentido, retomamos as conversações sobre as coleções e exposições que fazem parte do acervo museológico do MUHPAN, as quais em nosso entendimento dialogam de algum modo, com a fronteira.

As principais coleções são denominadas da seguinte forma: Dez Pantanaís, Ocupação Humana no Pantanal (Arqueologia Pantaneira), Encontro entre Civilizações, Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (Guerra do Paraguai), Comissão Rondon (Instalação de Linhas Telegráficas), Trem da NOB, Porto de Corumbá (Migração e Imigração) e os Negros. Consideramos ser de grande importância tratarmos da relação que estas coleções e exposições têm com a fronteira Brasil-Bolívia e a partir desse entendimento, tecermos uma breve sequência discursiva delas, para fins de esclarecimento.

Ao falarmos em Pantanal, inicialmente, devemos ter em mente que trata de uma extensão de terra com áreas inundáveis, que engloba ecossistemas que constituem um Complexo Biomático de grande relevância ecológica, que ocorre tanto no Brasil como na Bolívia (Pantanal de Otuquis) e até mesmo no Paraguai (Chaco Paraguaio).

Como já tratado na introdução deste trabalho, esse complexo é subdividido em regiões pantaneiras que apresentam diferentes características (clima, flora, fauna, geomorfologia, hidrologia, relevo, etc.) e arranjos espaciais.

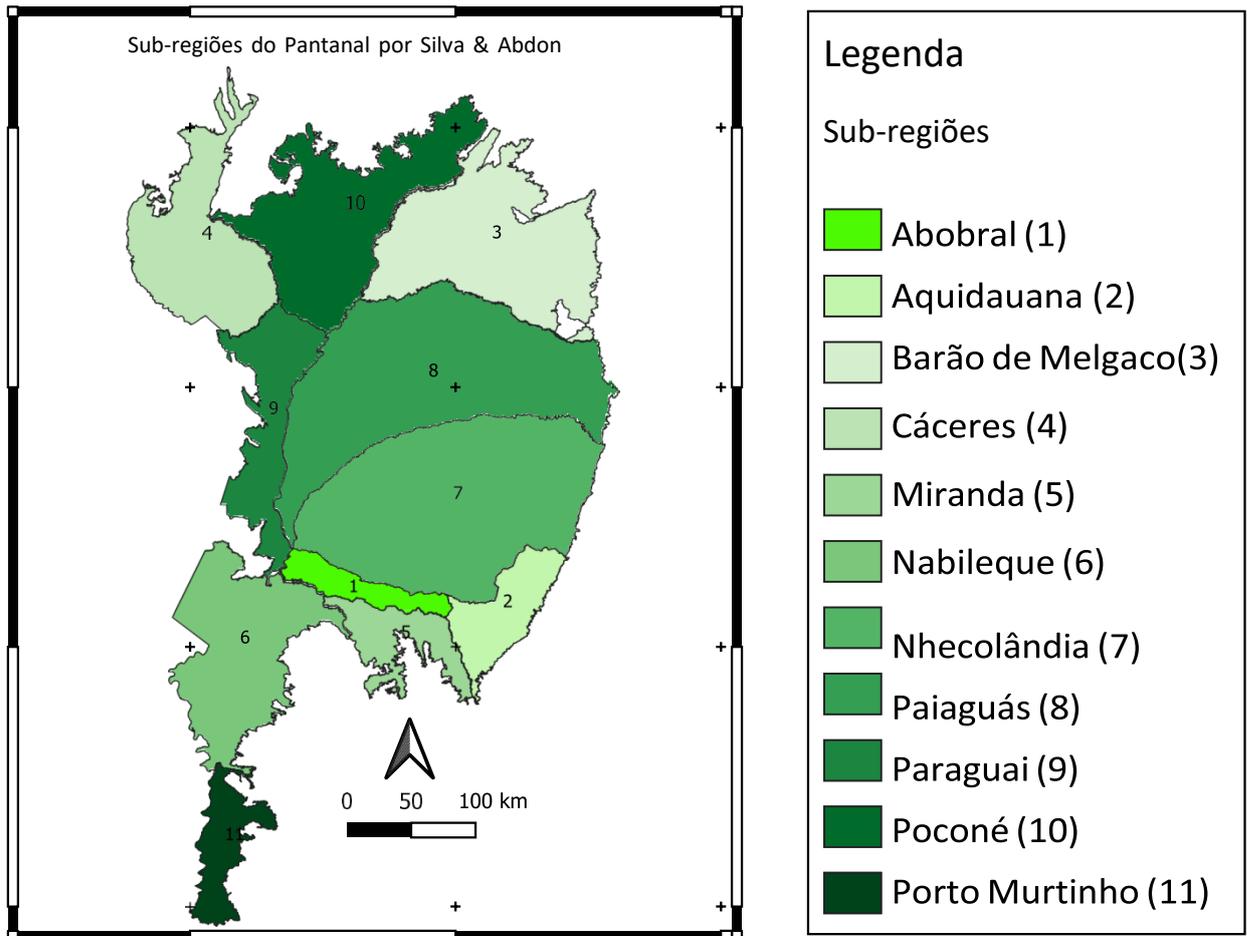


Figura 11: Mapa das Sub-regiões do Pantanal. Organização: Laboratório de Estudos Socioambientais CPAN/UFMS.

A região pantaneira denominada Pantanal do Paraguai, onde estão inseridas geograficamente as cidades de Corumbá e Ladário, localiza-se na porção Oeste do Estado de Mato Grosso do Sul (Brasil), fronteirizando-se com o território boliviano, transpassando inclusive os limites nacionais, estabelecidos. Nessa região pantaneira do Brasil, o contato biogeográfico com a porção boliviana é intenso e favorece a manutenção da biodiversidade existente em sua área de abrangência. A exposição “Dez Pantanaís”, representada pelo arquivo fotográfico a seguir, refere-se a esse cenário ecogeográfico que “fronteiriza”, em dado momento, com a Bolívia.



Figura 12: Visita de uma escola da Rede Estadual de Ensino – MS. Circuito Expositivo dos Dez Pantanaís. Acervo da autora, 2022.

Como naquele período, em princípio, não existia a concepção atual e teórica de territórios nacionais, nem de limites e tampouco de fronteiras, é possível entender que a área de atuação dos grupos de elementos humanos podia se estender às áreas que hoje constituem os territórios boliviano e paraguaio. Isso, certamente, colaborou para a formação dos povos existentes na região de fronteira entre o Brasil, Bolívia e Paraguai.

A partir de 1.500 d.c., com os “achamentos” de terras de além-mar, ocorre de forma mais proeminente o fenômeno da colonização das Américas, por parte dos reinos ibéricos de Portugal e Espanha. O Brasil se torna colônia do reino Português, tendo como elemento limitador e, conseqüentemente, fronteirizador inicial, o Tratado de Tordesilhas⁹, que dividia as terras achadas em duas áreas de exploração, a 370 léguas a partir da ilha do Cabo Verde. Desse período em diante ocorreram intensas atividades que foram moldando os territórios e forjando nacionalidades na América do Sul, com seus traços socioculturais mais diversos. O Museu de História do Pantanal (MUHPAN) faz referência a essas atividades, como sendo “Encontro entre Civilizações”.

⁹ Acordo feito entre os reinos de Portugal e Espanha, no ano de 1494, que definiu os limites das áreas de exploração entre ambos na América do Sul.

Com o passar do tempo, outros tratados limitadores de territórios, tais como o de Madri¹⁰, de El Pardo¹¹ e de Santo Idelfonso¹² foram estabelecidos redefinindo assim as fronteiras coloniais. E esse Encontro entre Civilizações, teve continuidade a partir de nações que foram constituídas, no século XIX, no Continente Sul Americano. Um conflito bélico por disputa territorial, dentre outras coisas, denominado Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai ou simplesmente de “Guerra do Paraguai”, ocorrido entre o Brasil, antiga colônia do reino de Portugal e o Paraguai, antiga colônia do reino de Espanha, teve uma severa impactação socioeconômica, principalmente nas regiões de fronteira. Além destas duas nações, o conflito teve também, a participação de forma direta da Argentina e do Uruguai, e de forma indireta da Bolívia.

Além da exposição que trata deste conflito bélico, há também, uma exposição com objetos e documentos originais que tratam da navegação através dos rios que compõem a Bacia do Prata. Essa navegação proporcionou a intensificação e o auge do comércio em Corumbá, no início do século XX. Uma gama de migrantes e imigrantes se deslocou de outras localidades nacionais e internacionais e aportaram em Corumbá, após o término do conflito bélico da Tríplice Aliança. Grupos de pessoas advindas de outras regiões do Brasil e até de outros países, vieram para Corumbá e nesta cidade estabeleceram-se e desenvolveram suas atividades comerciais, empresariais, sociais e culturais, constituindo núcleos familiares que contribuíram com a formação da identidade local.

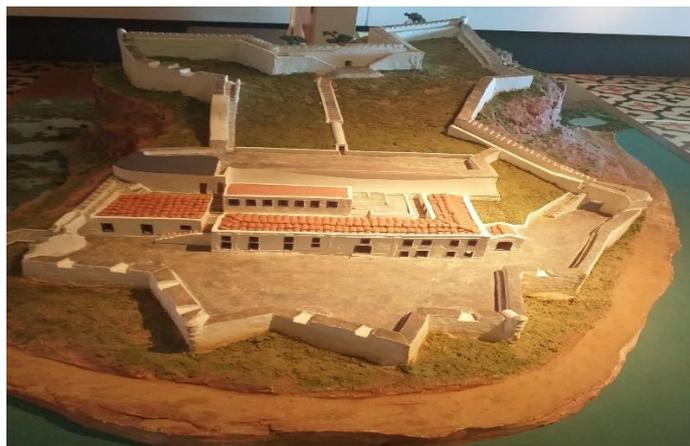


Figura 13: Representação em forma de maquete do Forte Coimbra. Fortaleza erguida para proteção da fronteira entre Brasil e Paraguai. Acervo do MUHPAN.

¹⁰ Substituiu o Tratado de Tordesilhas, estabelecendo assim, novas fronteiras entre as colônias de Portugal e Espanha na América.

¹¹ Tornou nulas todas as disposições e feitos decorrentes do Tratado de Madri de 1750.

¹² Finalizou os conflitos geopolíticos que ocorriam há três séculos entre Portugal e Espanha e restaurou grande parte do Tratado de Madri.

3.2 Memória Corumbaense e Memória Boliviana

Quando falamos sobre a fronteira Brasil-Bolívia, automaticamente nos remetemos às cidades de Corumbá e Ladário no Brasil e Puerto Quijarro e Puerto Suarez na Bolívia e estabelecemos involuntariamente uma semiconurbação, (OLIVEIRA, 2008), mesmo que de forma sensorial, a qual pode ser conferida e vivenciada no dia-a-dia das pessoas que vivem nessa região de fronteira. Por serem as maiores cidades da região fronteira entre Brasil e Bolívia, tendem a guardar reminiscências mais contundentes e que alcançam patamares mais elevados na escala memorial e histórica dos seus países.

Todavia, segundo Campos et al. (2015), a memória não é história, é um complexo mecanismo de reconstrução do “passado do presente”, ou seja, de legitimação no presente das opções de uma sociedade, e dos diferentes grupos culturais ou sociais. Estes autores nos dizem ainda que a memória é, por isso, um instrumento estruturador de identidades, o que na prática significa que ela ajuda a segregar. As memórias de uns não são as memórias de outros, pois ambas são informadas por perspectivas distintas.

Tomamos a liberdade de considerar que museus além de instituições, são “territórios” que são fundados e estabelecidos em áreas urbanas e que possuem em seu âmago, em sua raiz, a capacidade, a necessidade e quiçá a obrigatoriedade de guardar e proteger memórias de uma sociedade, um povo, uma região, suas culturas e tradições. Entretanto, o Museu de História do Pantanal (MUHPAN), além disso é um local de encontro entre pessoas e muitas vezes entre povos, visto que o mesmo recebe pessoas de diferentes nacionalidades. Consideramos que o Museu de História do Pantanal (MUHPAN), traz a fronteira para dentro de si proporcionando diálogos, troca de saberes e resgate de memórias entre os atores sociais que ali se apresentam como visitantes.

Buscamos apoio nos ensinamentos de Queiroz e Lima (2020, p.44), que dizem que é preciso afirmar, reafirmar e firmar os “saberes locais”, “na ordem do dia” dos discursos e das ideologias circulantes. Enxergamos o Museu de História do pantanal (MUHPAN), desta forma. E a partir das memórias nele guardadas e representadas através das coleções e exposições, é possível contarmos um pouco da história regional que envolve a região de fronteira entre Corumbá-BR e Puerto Suarez-BO. Histórias sobre a Guerra do Paraguai, sobre a navegação, sobre o comércio na Rua do Porto, sobre a ferrovia, dentre outras, fazem parte do imaginário de várias pessoas e constituem um campo fértil para a recuperação memorial de fatos e acontecimentos de períodos passados.

Com relação á Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, além da maquete retratando o episódio da Retirada da Laguna, o acervo do MUHPAN conta com um objeto de grande importância histórica que é a espada original do General Antônio Maria Coelho, a qual foi utilizada pelo mesmo no ato da Retomada de Corumbá, em 13 de Junho de 1867.

Quanto à navegação, o acervo do MUHPAN registra a guarda de um Livro Diário de Bordo de uma embarcação fluvial, contendo registros sobre as situações e atividades desenvolvidas pelos tripulantes ao longo das viagens ocorridas no período de 05 de março de 1925 e finalizado com anotações até 28 de março de 1933. Todavia, o Livro não apresenta o nome da embarcação, visto que as primeiras páginas onde normalmente se registravam tais informações sofreram deterioração por conta do tempo.

Há outro fato interessante a se reportar que é o transporte de pessoas e mercadorias feito por mascates em pequenas e médias embarcações ao longo dos rios da antiga província de Mato Grosso. Até onde temos conhecimento, esse tipo de transporte perdurou até meados de 2015, já no estado de Mato Grosso do Sul, de forma regular ao longo do rio Paraguai, atendendo necessidades de muitos ribeirinhos.

Além disso, podemos e devemos incluir nesse contexto, as exposições temporárias que tratam dos festejos que ocorrem ao longo do ano, em Corumbá, os quais também têm sua história própria.

Sob essa ótica, é possível perceber o caráter sócio-comunitário que o MUHPAN possui. As interações entre atores sociais advindos de diferentes esferas da sociedade e de diferentes localizações, seja do Brasil ou de outros países, conferem ao MUHPAN esse caráter.

Segundo Rodriguez (2010), a Carta de Santiago de 1972 e a Declaração de Quebec de 1984 tratam da instituição do museu integral que é voltado ao serviço da sociedade, vinculando os museus a novas funções sociais.

O Museu de História do Pantanal, (MUHPAN), como já mencionado anteriormente se localiza em área portuária de Corumbá-MS, tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), como Patrimônio Histórico, onde moradores locais, trabalhadores da navegação, turistas e demais transeuntes convivem e se misturam, rotineiramente.

3.3 Museologia Comunitária

O museu pode e deve ser um instrumento privilegiado de educação permanente e um centro cultural acessível a todos (DUARTE, 2013. p. 101). A partir destes dizeres, temos

suporte para afirmar que o MUHPAN deve estar acessível à população fronteiriça. Tal acesso deve ser facilitado de várias formas a fim de que os membros das comunidades que residem nas áreas de fronteira possam não só visitá-lo, mas também interagir com a suas coleções e com os seus gestores. Isso faz parte de um processo de renovação dos museus enquanto instituições voltadas ao auxílio do ensino e da aprendizagem.

A relação com a fronteira produz contatos dos cidadãos fronteiriços com as cidades, sejam bolivianas ou brasileiras, e seus atrativos, resultando em encontros culturais diversos. Nesse sentido, buscamos embasamento em Arf (2020), quando a autora diz que, as fronteiras se constituem em espaços humanos, onde comunidades com características particulares, marcadas pela interculturalidade, são naturalmente integradas e, como produto do encontro, surge a cultura criada e recriada por seus habitantes.

Todavia, nesses contatos com a cidade, o espaço museológico está presente, vivo e pulsante. Há de se saber que, muitos já vêm com algum tipo de informação sobre o referido espaço cultural, porém, outros ao passar pela porta adentram por mera curiosidade e acabam se “deslumbrando” com o acervo e arquitetura. Há de se considerar também que, além de indicarem o MUHPAN, a outras pessoas, vários visitantes retornam em outros momentos para nova incursão ao museu.

Percebemos que, inúmeros visitantes passam pelas portas do museu, adentram por diferentes motivos e realizam visitas aos pavimentos e ao se retirarem muitos comentam que se “sentiram verdadeiramente em casa”. A partir dessa expressão, é possível que a sensação de se sentir “em casa”, manifestada pelos visitantes, nos dá uma ideia de aconchego, seja pelo atendimento seja pelas instalações. E, isso pode ser entendido como um atributo que ressalta a importância social do MUHPAN.



Figura 16: Visita de grupo de professores da Rede de Ensino de Puerto Suarez – Bolívia. Acervo da autora, 2022.

Somos corroborados por Bachelard, quando este nos diz que:

Todo espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa. Sem a casa o ser humano seria um ser disperso; ela o mantém através “das tempestades do céu e das tempestades da vida”. Ela é o princípio de tudo, é onde o mundo inicia, e constitui para o indivíduo o primeiro contato com o real. A casa ensina o humano a descobrir o mundo, sem que este se exponha completamente. (BACHELARD, 2005).

Arf nos ensina que:

O espaço é um elemento importante na estrutura de uma narrativa, seja ela curta ou longa. Toda história assume um espaço real ou imaginário que é desenhado no discurso da fala. Paisagens, cidades, efeitos urbanos são objetos de atenção em leituras científicas e produzem interessantes encontros multidisciplinares entre geografia, história, história da arte, literatura ou Teorias da literatura, linguística e outras áreas do conhecimento que debatem essa questão (ARF, 2020, p. 12).

Entretanto, não podemos nos furtar de dizer que ao olharmos para as exposições existentes no museu, percebemos que as várias informações ali contidas não suprem os anseios de muitos visitantes, principalmente aqueles que de alguma forma tem um determinado conhecimento sobre a História Regional, surgindo questionamentos que vão

muito além do acervo exposto. Nesse sentido, atuando também, como atual gestora do Museu de História do Pantanal, entendemos que há a necessidade constante de nos reciclarmos e de estarmos em contato intenso com literaturas e demais textos, e com profissionais que atuam nessa área de conhecimento. Dessa forma, conseguimos ter melhor embasamento para que possamos suprir, mesmo que parcialmente tal deficiência.

Devemos considerar o momento pandêmico em que vivemos desde o ano de 2020, onde a visitação ao museu teve um decréscimo considerável e praticamente o local ficou inoperante. A retomada das visitas se deu a partir de setembro de 2021 e teve um aumento gradativo, a partir das liberações decretadas pelas autoridades sanitárias.

A partir dos apontamentos do Livro Oficial de Controle de Entrada de Visitantes do Museu, dos anos de 2020, 2021 e 2022, confeccionamos os seguintes quadros demonstrativos, abaixo:

Quadro 1: Quantitativo de visitantes por país de origem, no ano de 2020.

País de origem	Quantidade de visitantes/País	Total
Brasil	465	
Bolívia	72	
Paraguai	01	
Argentina	02	
Alemanha	04	
Uruguai	01	
França	02	
Colômbia	01	
Eslováquia	02	
Holanda	01	
Filipinas	01	
Itália	01	
Panamá	01	
México	01	
Total	553	553

Vale destacar que, no ano de 2020 foram registradas visitas no período de 07 de janeiro a 14 de março, tão somente. As visitas foram interrompidas por conta das restrições ocasionadas e impostas pela Pandemia de Covid-19. Ou seja, de março a dezembro desse ano não houve visitas ao Museu de História do Pantanal (MUHPAN).

Quadro 2: Quantitativo de visitantes por país de origem, no ano de 2021.

País de origem	Quantidade de visitantes/País	Total
Brasil	464	
Bolívia	07	
Paraguai	02	
Itália	01	
Colômbia	02	
Canadá	01	
Argentina	01	
EUA	01	
Total	479	479

Com relação ao ano de 2021, devemos informar que no período de janeiro a agosto não houve visitas ao Museu de História do Pantanal (MUHPAN), considerando, além do momento pandêmico vivido, a transição institucional ocorrida com a cessão de uso por parte da Fundação Barbosa Rodrigues em favor da Prefeitura Municipal de Corumbá, através de sua Fundação de Cultura e Patrimônio Histórico de Corumbá. As visitas retornaram a partir de setembro desse ano.

Quadro 3: Quantitativo de visitantes por país de origem, no ano de 2022.

País de origem	Quantidade de visitantes/País	Total
Brasil	3.295	
Bolívia	128	
Paraguai	14	
França	10	
Peru	08	
EUA	07	
Grécia	04	
Uruguai	04	
Romênia	03	
Itália	03	
Portugal	03	
Argentina	03	
Alemanha	03	
Chile	02	
Rússia	02	
Suíça	02	
Canadá	02	
Vietnã	01	

Israel	01	
Holanda	01	
Austrália	01	
China	01	
Total	3.498	3.498

No decorrer do ano de 2022, entre 11/01/22 a 20/12/22, foi possível contabilizarmos uma quantidade considerável de 3.498 visitantes que contemplaram o Acervo museológico do Museu de História do Pantanal (MUHPAN).



Figura 17: Página 184 do Livro Oficial de Registro de Visitantes do MUHPAN, 2022.

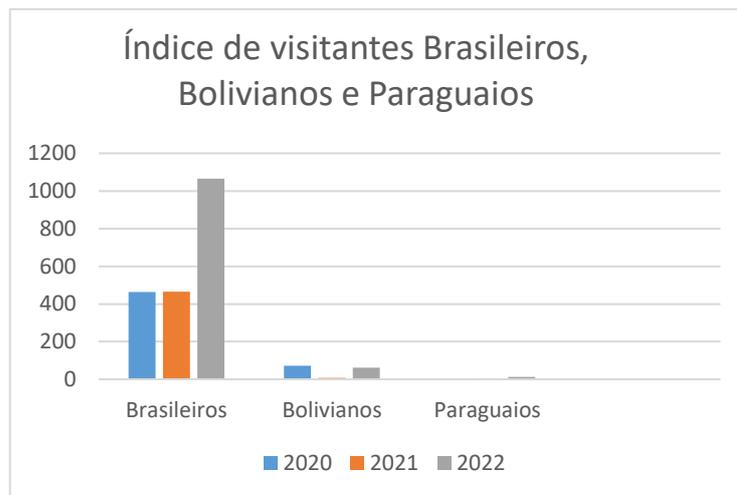


Gráfico 1: Índice de visitantes Brasileiros, Bolivianos e Paraguaios, nos anos de 2020, 2021 e 2022.

Nesse sentido, tomando como base e fonte primária de pesquisa, o referido Livro de Registro de Visitantes do Museu de História do Pantanal (MUHPAN), e após levantamento minucioso deste, pudemos observar que nos três anos de amostragem o grande número de visitantes foi de brasileiros, perfazendo um total de 465 em 2020, 464 em 2021 e 3.295 em 2022, perfazendo um total de 4.224 visitantes. Porém, com relação aos visitantes estrangeiros, percebemos que o museu recebeu uma quantidade expressiva de 72 nacionais bolivianos em 2020, somente 07 nacionais bolivianos em 2021 e 128 nacionais bolivianos em 2022, perfazendo um total de 207 visitantes. Quanto aos nacionais paraguaios o Museu de História do Pantanal (MUHPAN), recebeu apenas 01 visitante em 2020, 02 visitantes em 2021 e 14 visitantes em 2022, perfazendo um total de 17 visitantes. Esses visitantes bolivianos e paraguaios vieram à cidade de Corumbá por vários e diferentes motivos, dentre eles, a visita ao MUHPAN. Isto nos permite dizer que Museu de História do Pantanal é, sem dúvida, uma instituição e um espaço cultural de caráter fronteiriço. Além disso, é válido destacarmos que no ano de 2022, o MUHPAN foi visitado por pessoas de 21 países diferentes, de 04 continentes a saber: América, Europa, Ásia e Oceania.

Nos permitimos entender que o Museu de História do Pantanal (MUHPAN) supre, em tese, a ideia de espaço destinado à cultura, ao lazer, entretenimento, inclusão social e educação nessa região **pantaneiro-fronteiriça** (grifo nosso). Isso ocorre, principalmente, porque o mesmo não deve ser visto apenas como um local de salvaguarda e de exposição de objetos antigos, mas sim um espaço de comunicação que possibilita à população local e vicinal visitar, visualizar, refletir, se identificar, significar e aprender com a história da ocupação humana na região.

Porém, urge destacar que nos permitimos entender, também, que o museu não consegue representar através do seu acervo, em sua totalidade, o homem que vive no Pantanal. Dizemos isso porque o museu não apresenta determinados cenários, objetos ou apetrechos e demais elementos formadores da realidade desse homem, cuja essência tem traços de grupos étnicos que, de alguma forma, contribuíram para a formação das “populações tradicionais” do Pantanal. Essa realidade que se traduz em “saberes tradicionais”, tais como modo de pescar, de lidar com a terra, de lidar com o gado, de entender as variações climáticas, modo de viver no ambiente, etc., foram adquiridos ao longo do tempo e são repassados aos seus descendentes, através das gerações.

Todavia, esses “saberes tradicionais” não são propriedade exclusiva do que se convencionou chamar de “homem pantaneiro”, mas são sim um bem imaterial que é compartilhado entre os grupos indígenas, negros e demais pessoas que estão inseridas no

contexto do bioma Pantanal, vivendo inclusive, naquele ambiente. Ou seja, o homem que vive no Pantanal. Entendemos ser este um fator que merece atenção e um olhar mais aprofundado e cuidadoso, por parte de seus administradores.

Outrossim, destacamos ainda que, o Museu de História do Pantanal apresenta vários problemas de ordem financeira, de ordem estrutural relacionados à conservação predial interna e externa, de manutenção e de higienização do acervo, problemas estes recebidos da gestão da Fundação Barbosa Rodrigues quando da passagem do museu para a responsabilidade do município de Corumbá, ocorrida em 2020. Há, também, problemas de refrigeração, de iluminação, de hidráulica, de infiltração e de acessibilidade. Além disso, o contingente de mão de obra é deveras escasso.

Há, ainda, algumas falhas, tais como nas informações contidas nos painéis expositivos, as quais em sua grande maioria não tem amparo científico e muitas vezes destoam da História Regional. Porém, devemos ressaltar que esse museu nasceu da necessidade de se ter um espaço de entretenimento cultural e que conforme o que visualizamos e entendemos, na época de sua instalação não houve a devida preocupação com a veracidade de alguns fatos históricos. Concomitantemente, ocorre uma fragilidade considerável relacionada ao acervo, pois muitas vezes a maioria dos objetos, principalmente, os que estão acondicionados no último pavimento, estão expostos à ação de fatores externos que podem degradá-los.

Tudo isso compromete, em muito, toda a dinâmica de atendimento ao público e de conservação e manutenção do acervo museológico. Entretanto, vale informar que o poder municipal através da Fundação da Cultura e Patrimônio Histórico em parceria com a Secretaria de Infraestrutura e Serviços Públicos, no período de novembro a dezembro de 2022, fez os levantamentos e orçamentos necessários para a viabilização de recursos financeiros visando a manutenção do prédio onde está instalado o museu.

Considerações Finais

Explorar a memória fronteiriça a partir de um enfoque museológico, com um viés histórico regional, tendo o Museu de História do Pantanal (MUHPAN) como objeto de estudo e, ainda como canal de discussão científica, não é tarefa das mais fáceis. Porém, o desafio de tecer diálogos interdisciplinares a partir do espaço museológico estabelecido em Corumbá, envolvendo aspectos da cultura fronteiriça, não só demandou esforços mais também proporcionou a aquisição de conhecimentos distintos que, somados, nos deram a condição de entender a dinâmica sociocultural da fronteira entre o Brasil e a Bolívia.

Ao visualizarmos essa fronteira, ousamos dizer que o MUHPAN, enquanto instituição pública, pode ser considerado como um elemento de imposição nacional, em que um dos principais objetivos é a preservação da memória regional e quiçá nacional. Segundo Pollak (1989), embasado nos estudos de Halbwachs, a memória nacional é a forma completa de uma memória coletiva.

A Museologia é um campo da ciência que ganhou relevante destaque nos últimos anos. A concepção de Museu como sendo apenas um local de depósito e salva-guarda de objetos antigos declinou face aos novos entendimentos sobre o objetivo propriamente dito de um Museu. Atualmente, os museus são espaços onde se produzem conhecimentos sobre vários temas, sejam eles trazidos de um passado qualquer ou projetados em um futuro imaginável, os quais tendem a caminhar conjuntamente, constituindo assim, tramas conceituais que conduzem às interdisciplinaridades. Segundo Assis e Contani (2015), não há impedimentos para que o antigo e o contemporâneo convivam em harmonia.

No caso do Museu de História do Pantanal (MUHPAN), essas interdisciplinaridades também são transfronteiriças, considerando que o próprio museu é transfronteiriço, pois se localiza em uma região de fronteira, onde ocorrem fluxos de pessoas, informações, mercadorias, saberes locais, culturas, lícitos e ilícitos, dentre outros.

No cenário cultural, o MUHPAN tende a desempenhar importante papel dentro da sociedade em que está inserido, produzindo além de conhecimentos específicos, interfaces entre a História Regional e as mais variadas culturas ocorrentes na fronteira entre o Brasil e a Bolívia. Há uma riqueza de elementos culturais que coexistem no espaço fronteiriço e que produzem seus significados e traduzem aspectos dos povos que o coabitam.

Nesse sentido, a partir dos ensinamentos de Basualdo e Costa (2011), podemos dizer que a Cultura tem uma tendência a produzir elementos que pertençam a um determinado

momento histórico, relacionando-os a outras culturas, com o ambiente e com os avanços tecnológicos apresentados dentro de uma sociedade ou grupo social.

Há uma dinâmica social com particularidades e especificidades que permeiam o cotidiano fronteiriço existente nas cidades de Corumbá, Ladário, Puerto Quijarro e Puerto Suarez, as quais se unem em uma semiconurbação, conforme preconiza Oliveira (2009).

Os povos fronteiriços, como participantes desse território dotados de paradoxos e complexidades, são sujeitos imanes e objetos de uma série de narrativas sociais e locais (ARF, 2020, p.13).

A fronteira é capaz de refletir um grau de interação ou ruptura entre sociedades fronteiriças. As relações de vizinhanças entre brasileiros e bolivianos são históricas e não muito amigável (SANTOS, 2021, p.34). São culturas diferentes que se misturam em função das tramas territoriais historicamente estabelecidas (BASUALDO e COSTA, 2011, p.266).

Todavia, Corumbá ganha destaque por inúmeros motivos, mas também por conta do nosso objeto de estudo: o MUHPAN. O referido museu é um lugar que traz um provável sentimento de pertencimento, de significação e de identificação e, que agrega substancialmente valores inestimados à cultura corumbaense e conseqüentemente, ao público que o frequenta. São lugares em que os indivíduos se identificam (ASSIS e CONTANI, 2015, p.13).

A apresentação de seu circuito expositivo e de seu acervo museológico proporciona não só, momentos contemplativos e educacionais, mas, também, uma possibilidade na tentativa de trazer à tona a memória de determinados fatos ocorridos na região pantaneira de Corumbá.

No universo do MUHPAN, é possível dialogar sobre assuntos que vão desde a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai até a Ferrovia Noroeste do Brasil, transitando por outras variantes de discussão sobre a História Regional de Corumbá. Isso, certamente, tende a nos remeter à concepção de uma possível “História Fronteiriça” da região, considerando o fato de que o museu está localizado em uma cidade na fronteira entre o Brasil e a Bolívia.

É válido lembrar que o museu passou por um momento de transição relacionada à sua gestão administrativa. O referido espaço museológico foi concebido sob a gestão da Fundação Barbosa Rodrigues, a qual o administrou até o ano de 2020, quando o mesmo, através de um Termo de Cessão de Uso, passou para a gestão da Prefeitura Municipal de Corumbá, cuja subordinação direta ficou destinada à Fundação da Cultura e do Patrimônio Histórico de Corumbá.

Lembramos também, que muito desses problemas já existiam durante a gestão da Fundação Barbosa Rodrigues e foram passados para nova gestão. Com o decorrer do tempo e mais recentemente com o advento da Pandemia da COVID-19, o museu precisou fechar a suas portas para visitas e atividades internas. Somam-se a esses fatos, a escassez de recursos financeiros que atrelada a um provável desestímulo cultural em âmbito nacional, que se percebeu nos últimos anos, explicitam a fragilidade do principal espaço museológico dessa fronteira. Isso certamente conduziu esse espaço a uma considerável depreciação de sua estrutura física e interna, sendo que muito pouco, foi feito para sanar os problemas.

Todavia, não temos como afirmar que não há interesse ou então que haja descaso por parte da administração pública municipal, no sentido de dar solução a esses problemas. Seria leviano de nossa parte. Investimentos estão sendo feitos e a municipalidade está viabilizando recursos financeiros para a realização de manutenções e readequações no museu. Mas, é tácito que esse espaço museológico carece e merece uma atenção especial e mais efetiva dos seus gestores, considerando toda a relevância educativa e cultural que o cerca.

Apesar de Le Goff (1990) entender que, as organizações sociais e políticas duram um certo tempo e encaminham-se para o declínio, com mais ou menos rapidez, queremos acreditar que o museu, enquanto uma organização institucional pública, de caráter social e sem fins lucrativos, está passando, tão somente, por uma fase de reorganização, reestruturação e aprimoramento, a qual requer a devida atenção de seus gestores e, que a sua essência não haverá de se perder em um futuro próximo. Tal como dizem Assis e Boni (2018), as organizações passam por etapas no decorrer de sua trajetória e constroem sua história concomitante com a sociedade em que estão inseridas.

Há de se pensar e criar projetos institucionais e formalizar políticas públicas que visem não só a manutenção do MUHPAN, mas também a sua divulgação e possível expansão. Seguindo por esse caminho, no sentido da contribuição social, ousamos também propor a elaboração e criação de uma Cartilha Educativa com ênfase no Patrimônio Histórico Cultural regional e Museologia, especificamente, a ser disponibilizada tanto para as escolas da Rede Municipal de Ensino como para os demais educandários da cidade, buscando inserção desde o ensino básico. Tal cartilha foi pensada e estruturada com base na cartilha de apoio educativo do próprio museu, porém voltada à Educação Patrimonial, de modo geral.

Além disso, pensamos em dar subsídios para implementar projeto de criação e inclusão de disciplina de Educação Patrimonial, junto ao Plano Pedagógico da Rede Municipal de Ensino. Consideramos estas ações como sendo de suma importância para preservação do nosso Patrimônio Histórico-Cultural e Museológico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALHO, C. J. R., STRÜSSMANN, C. e VASCONCELLOS, L. A. S. Indicadores da Magnitude da Diversidade e Abundância de Vertebrados Silvestres do Pantanal num Mosaico de Hábitats Sazonais. **In: III Simpósio sobre Recursos Naturais e Sócio-econômicos do Pantanal: Os desafios do novo milênio.** Corumbá-MS. De 27 a 30 de novembro de 2000. 54pp.

ARAÚJO. Leonardo Barbosa, CUNHA. Elisângela de Souza e COSTA. Edgar Aparecido, Os Bolivianos Comerciantes de Hortaliças nas Feiras Livres de Ladário. Para Onde? **Revista Eletrônica.** Programa de Pós Graduação em Geografia-UFRGS. 2020. 13pp.

ARAÚJO. Silvana Barbosa Lira de. **Guardiões, Memórias e Fronteiras: Histórias e Gestão do Museu do Homem do Nordeste – Recife-PE,** Dissertação, Mestrado em Gestão Pública, Universidade Federal de Pernambuco, 2014, 154pp.

ARF, Lucilene Machado Garcia. O texto literário como constructo de um espaço transcultural e transnacional. **Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Letras Da UFGD.** UFGD. Dourados, MS, v. 14, n. 34, jan./abr. 2020. p. 11-20.

ASSIS, M. L. D e CONTANI, M. L. Urbanidade e imagem na comunicação institucional – uma análise semiológica. **Anais eletrônicos do IX Colóquio de Estudos Literários.** Diálogos e Perspectivas. SILVA, Jacicarla S.; BRANDINI, Laura T. (Orgs.). Londrina-PR. 2015. p. 370-386.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço.** São Paulo: Martins Fontes, 2005. p.25.

BARREDA, S. V. M, GOMES, M. R. e MARCONDES, M. L. O Turismo como Resgate Identitário na Fronteira Corumbá-Puerto Quijarro. Relato de Experiência no PEIF. **Revista GeoPantanal.** UFMS/AGB. Corumbá/MS. N. 17, p.107-124. 2014.

BARROS, Dirlene Santos e NEVES, Dulce Amélia de Brito. Arquivo e memória: uma relação indissociável. **Revista TransInformação,** Campinas, v. 21, n. 1, 2009. p.55-61.

BORGES. Antônio Cear Gonçalves e SILVA. Maurício Pinto da. **A Expansão da UFPEL e a Integração Regional no Mercosul: A Gestão de Ações na Fronteira Brasil-Uruguaí.** Estudos Fronteiriços. Séries Fronteiras. Ed. UFMS. 2010. p. 99-112

BASUALDO, P. e COSTA, E. A. **Cultura e Patrimônio na perspectiva das fronteiras.** Série Fronteiras. Org. Gustavo Villela Lima da Costa, Kiase Sebastiana Moraes Siqueira e Marco Aurélio Machado de Oliveira. Ed. UFMS, 2011. p. 265-281.

BEZERRA, M. A. de O. et al. **Lagoas do Pantanal: patrimônio ambiental e cultural.** Artigo. Revista Dimensão/CPAN. Edição especial. Campo Grande-MS, Ed. UFMS, 2002, p. 25-39.

BOYLAN, Patrick J. Introdução. **In: Como gerir um museu: manual prático.** Org. Carolina Magalhães. ICOM – Conselho Internacional de Museus Maison de UNESCO. 2004.

CAMPOS. Juliano Bitencourt, PREVE. Daniel Ribeiro e SOUSA. Ismael Francisco de. Organizadores. **Patrimônio Cultural, Direito e Meio Ambiente: Um Debate Sobre a Globalização, Cidadania e Sustentabilidade**. Curitiba-PR, Editora, Multideia, 2015.

CANEDO, Daniele. “Cultura é o quê?” - reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos. V **ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador - BA. 2009. p. 1-14.

CHAER, Mirella Ribeiro e GUIMARÃES, Edite da Glória Amorim. A importância da oralidade: educação infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental. **Pergaminho**, vol.3. Centro Universitário de Patos de Minas. 2012. p. 71-88.

CHAPARRO, G. T. de B. **A forma urbana na história do sul de mato grosso: Corumbá (1870 a 1920)**. Dissertação. UnB. Brasília – DF. 2020. 135pp.

CONCEIÇÃO. Otávio A. C. **O Conceito de Instituição nas Modernas Abordagens Institucionalistas**. Revista Econômica Contemporânea. RJ. 2002. pp 119-146.

COSTA. Gustavo Villela Lima da. **As Fronteiras da Identidade em Corumbá-MS: Significados, Discursos e Práticas**. Estudos Fronteiriços. Séries Fronteiras. Ed. UFMS. 2010. p 69-97.

CORRÊA. L. S. E CORRÊA. V. B. A. História do Pantanal Contada Pelo MUHPAN. 1ª Edição, Via Imprensa Edições de Arte. São Paulo - SP. 2013.

DA MATTA, Roberto. Você tem Cultura? Artigo. **Jornal da Embratel**. RJ. 1981. p. 1-4.

DUARTE. Alice. Nova Museologia: os pontapés de saída de uma nova abordagem ainda Inovadora. **Museologia e Patrimônio**. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museológica e Patrimônio. Vol. 6, nº. 1. Unirio. 2013.

FABIANO JUNIOR, A. A. Museu: um olhar sobre o espaço público, o espaço arte, o espaço arquitetura. **Revista CPC**. nº 4. São Paulo-SP. 2007. p. 7-22.

FERREIRA. Teresa Helena Shoen, FARIA. Maria Aznar, SILVARES. Edwiges Ferrerira de Mattos. A Construção da Identidade em Adolescentes: Um Estudo Exploratório. **Estudos de Psicologia**. Universidade Federal de São Paulo-USP. 2003. p. 107-113

FLANDOLI. Beatriz Rosalia Gomes Xavier. Cidades Sul-Americanas: Diferenças no Empenho de Preservação da Própria Cultura. **Seminário de Estudos Fronteiriços**. Campo Grande-MS, Ed. UFMS. 2009. p. 89-102.

FLYNN. Donna, K. “we are the border”: identity, Exchange, and the state along the **Benin-Nigeria border**. *American Ethnologist*, 1997. 24(2). p. 311-330.

HAHN. Fábio André e BALLER. Leandro, A Construção das Identidades na fronteira entre Brasil e Paraguai: Breves Perspectivas Práticas e Teóricas, Fronteiras em Questão: Múltiplos Olhares. **Estudos Fronteiriços**. Séries Fronteiras. Ed. UFMS. 2013. pp 137-160.

HARTMANN, Luciana. A Circulação de Narrativas Oraís na Fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai. **Estudos Fronteiriços**. Séries Fronteiras. Ed. UFMS. 2010. p. 263-297.

IPHAN. **Guia Básico de Educação Patrimonial.** s/d. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br>. Acessado em 21/07/2022.

IBRAM. Instituto Brasileiro de Museus. Museus Brasileiros. Ministério da Cultura.Gov.BR. Disponível em <https://www.gov.br/museus/pt-br>. Acessado em 10.01.2022.

JUNIOR, José do Nascimento. Veredas e construção de uma política nacional de museus. **In: Política Nacional de Museus.** Org.: BRASIL, Ministério da Cultura. Brasília. 2007. 18-84pp.

KNECHTEL, Maria do Rosário. **Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada.** Intersaberes. Curitiba-PR, 2014.

LE GOFF. Jacques. História e Memória. **Coleção Repertórios.** Tradução Bernardo Leitão. Editora da Unicamp. Campinas-SP, 1990.

LEWIS, Geoffrey. O Papel dos Museus e o Código de Ética Profissional. **In: Como gerir um museu: manual prático.** Org. Carolina Magalhães. ICOM – Conselho Internacional de Museus Maison de UNESCO. 2004.

MACHADO. Lia Osório, Limites e Fronteiras: Da Alta Diplomacia aos Circuitos da Ilegalidade. **Revista Território,** Rio de Janeiro-RJ, Volume nº 08, Janeiro a Junho de 2000, pp. 07-23.

MARECO. Carla Teresa Silvestre Lopes. **O Conceito de Marketing Cultural Aplicado à Museologia Contemporânea em Portugal.** Vol. I, Documento da Tese. Mestrado em Arte, Patrimônio e Teoria do Restauro. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Instituto de História de Arte, Lisboa 2009.

MARTINS. Michele Ferreira. **A Criação do Museu de Ciência da UFG. Metodologias e o Projeto Executivo de Comunicação.** Faculdade de Ciências Sociais, Curso de Museologia, UFG. Goiânia, 2016. 41pp,

MARTINS. Ricardo Oliveira e OLIVEIRA NETO. Antônio Firmino de. **As Celebrações à Virgem de Urkupiña na Fronteira Brasil-Bolívia, Cidade de Corumbá-MS.** 2014. Acessado em:<https://sef-cpan.ufms.br>

MIRANDA. Denis de, **A Construção da Identidade do Exército Brasileiro.** Dissertação de Mestrado. PUC – RIO. PPGCS. 2012. Certificado Digital nº 1011761/CA. 2012. 22pp. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br>. Acessado em: 27/03/2023.

MORAES. Nilson Alves de, **Museus, Informação e Produção de Poder na América Latina.**

VIII ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. Salvador. Bahia-BA. 2007. 11pp. Disponível em:<http://enancib.ppgci.ufba.br/artigos>

NOGUEIRA. Maria Verônica Sáfydi Alves. **A História do Pantanal Contada Pelo MUHPAN.** 1ª Edição, Via Imprensa Edições de Arte. São Paulo - SP. 2013.

NOGUEIRA, Ricardo José Batista. Fronteira: espaço de referência identitária. **Revista Eletrônica Ateliê Geográfico,** v.1, nº 2. 2009, Goiânia – GO, pp. 27-41

NORA, Pierre. **Entre Memórias e História: a problemática dos lugares. Traduções.** Traduzido por: Yara Aun Khoury. Projeto História. São Paulo – SP. 1993. 22pp.

OLIVEIRA, Daniel Campelo de, **Memória em Construção: Políticas de Museus no Brasil. Anais do XVI Encontro Regional de História da ANPUH-Rio: Saberes e Práticas Científicas.** 28 de Julho a 01 de Agosto de 2014.

OLIVEIRA, Geovanni França, **Fazendo a mágica: o Diferencial Fronteiriço como recurso na economia ilegal no Tráfico de Drogas no Varejo em Corumbá-MS, Fronteira com a Bolívia.** Fronteiras em Perspectiva Interdisciplinar. Séries Fronteiras, 6ª Ed. Editora UFMS. Campo Grande-MS, 2013. pp. 175-191.

OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de. **Os Elos da Integração: O Exemplo da Fronteira Brasil – Bolívia.** in: Costa, E. A. e Oliveira, M. A. M (Org) Seminário de Estudos Fronteiriços, Ed. UFMS, 2008, p. 26-27.

OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de. Os Elos da Integração: O Exemplo da Fronteira Brasil-Bolívia. **Estudos Fronteiriços.** Séries Fronteiras. Ed. UFMS. 2009. pp. 25-44.

OOESTERBEEK, Luiz. Revisitando Antígona: o Patrimônio Cultural na Fronteira da Globalização. In: **Patrimônio Cultural, Direito e Meio Ambiente: Um Debate Sobre a Globalização, Cidadania e Sustentabilidade.** Org.: CAMPOS, Juliano Bitencourt. PREVE. Daniel Ribeiro e SOUSA. Ismael Francisco de. Editora Multideia. Curitiba-PR, 2015.

PEIXOTO, J. L. S. E ARRUDA. A. A. C. de. Pantanal Rupestre. **In: Memórias do Pantanal Rupestre.** MUHPAN e Fundação Barbosa Rodrigues. 2011. Corumbá-MS. 48pp.

POLLAK. M. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos.** V. 2. N.3. Rio de Janeiro – RJ. 1989. p. 3-15.

POLLAK. M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos.** Tradução: Monique Augras. Edição: Dora Rocha. vol. 5, n. 10. Rio de Janeiro – RJ. 1992. p. 200-212

QUEIROZ, Leandro e LIMA, Caciano Silva. Descolonizar os Museus: Afirmação dos Saberes Locais. **In: Museus e Patrimônio Cultural em Mato Grosso do Sul: Pesquisa, Cultura, Educação e Identidade.** Organização: Douglas Alves da Silva, Lia Raquel Toledo Brambilla Gasques, Carlos Eduardo da Costa Campos. 1. Ed. São João do Meriti,RJ: Ed. Desalinho. 2020. 250 pp.

QUEIROZ, Leandro e LIMA, Caciano Silva. Descolonizar os Museus: Afirmação dos Saberes Locais. **In: Museus e Patrimônio Cultural em Mato Grosso do Sul: Pesquisa, Cultura, Educação e Identidade.** Organização: Douglas Alves da Silva, Lia Raquel Toledo Brambilla Gasques, Carlos Eduardo da Costa Campos. 1. Ed. São João do Meriti,RJ: Ed. Desalinho. 2020. 250 pp.

QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. **Uma ferrovia entre dois mundos: a E.F. Noroeste do Brasil na construção histórica de Mato Grosso (1918-1956).** 1999. Tese de Doutorado – FLH/USP, São Paulo, 1999.

REIS, Gabrielle Alves. O Território Como Estratégia de Memória: Museus de Território. XIII ENANPEGE. **A Geografia Brasileira na Ciência-Mundo: produção, circulação e apropriação do conhecimento**. 2 a 7 de setembro de 2019. São Paulo. 13pp.

REIS, Gabrielle Alves, **Os Museus de Território Enquanto Estratégia de Mobilização do Patrimônio Ambiental e Cultural**. Universidade Federal do Rio de Janeiro-RJ. Rev. CPC, São Paulo, V. 16, n. 31 p. 69-94. 2021.

REYNALDO, Ney Iared, **Uma Análise Econômica da Província de Mato Grosso na Primeira Metade do Século XIX**. Departamento de História e Ciências Econômicas Campus Universitário de Rondonópolis, Universidade Federal de Mato Grosso. Albuquerque: revista de História, Campo Grande, MS, v. 5 n. 10 p. 157-183, jul./dez. 2013.

ROCHEFORT, N.M. D. de. Frontera: Muro Divisorio o Tejido de Relaciones. **Estúdios Fronterizos**, vol. 3, nº 5, UABC – México, 2002, 42p.

ROSSI, A. **A Arquitetura da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

RODRIGUEZ, A. da F. **Gênero no Espaço do Museu: uma Leitura Social da Exposição “Entre Rendas, Chapéus e Boas Maneiras”**. Pelotas – RS. Museu Municipal Parque da Baronesa, 2010.

SANTOS, Denilson Almeida dos. **Percepções Socioambientais na Comunidade do Porto Amolar, na Fronteira Brasil-Bolívia: A Relação do Pantaneiro Ribeirinho com o Meio Ambiente**. Dissertação de Mestrado. PPGEF. Corumbá-MS, 2013. 142p.

SANTOS, M. G. da SILVA e FARAGO, A. C. O desenvolvimento da oralidade das crianças na Educação Infantil. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**. Bebedouro-SP, 2 (1). 2015. p. 112-133.

SANTOS, T. M. R. **Olhares Cruzados Sobre a Fronteira Brasil-Bolívia Por Meio da Literatura Infantil**. Dissertação de Mestrado. PPGEF. Corumbá-MS, 2021. 178pp.

SCIFONI, Simone. Conhecer Para Preservar: Uma Ideia Fora do Tempo. Universidade de São Paulo. USP-SP. **Rev. CPC**, São Paulo, n.27, jan./jul. 2019. pp 14-31

SENA, Divino Marcos de. **Entre articulações e conveniências na Câmara Municipal de Corumbá: Relações de poder, laços sociais e atuação política no final do Império**. Tese (Doutorado em História) – UFGD, Dourados-MS. 2017. 331 pp.

SHERMA, Marcio Augusto. As Fronteiras nas Relações Internacionais. **Revista Monções**, Vol.1, N.1 – Janeiro/Junho de 2012.

SILVA, J. S. V. da. e ABDON, M. Delimitação do Pantanal brasileiro e suas sub-regiões, Pesquisa Agropecuária Brasileira., Brasília, v.33, Número Especial, p.703-711, out. 1998.

SOUSA, João Carlos de. **Sertão Cosmopolita: tensões da modernidade de Corumbá (1872-1918)**. História Social-Tese. São Paulo. Editora Alameda, 2008.

TARGAS, Zulmária Izabel de Melo Souza. **As casas comerciais importadoras/exportadoras de Corumbá (1904-1915)**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História– PPGH/UFGD. 2012.

TURNER, F. J. **The Frontier in American History**. 1ª versão original lançada em 1893. Editora Createspace Independent Publishing Platform. Edição atualizada, 2017. 180pp.

ANEXOS

Anexo I – Cartilha Educativa com ênfase no Patrimônio Histórico Cultural Regional e Museologia

CARTILHA SOBRE
MUSEOLOGIA

CONHECENDO O MUHPAN

Muhpan 
MUSEU DE HISTÓRIA DO PANTANAL



ORGANIZAÇÃO: RAMONA C. ORTIZ DOS SANTOS
COLABORAÇÃO: Dr^a. LUCILENE M. GARCIA ARF,
Dr. DIVINO M. SENA e
Dr^a. MARA ALINE S. RIBEIRO

Organização: Ramona Catarina Ortiz dos Santos

Colaboração: Dr^a. Lucilene Machado Garcia Arf,
Dr. Divino Marcos Sena e
Dr^a. Mara Aline dos Santos Ribeiro

Diagramação e revisão: Livia Galharte Gaertner

Mapa do Pantanal: Cedido pelo professor Dr.
Aguinaldo Silva, do Laboratório de Estudos
Socioambientais CPAN/UFMS

Fotos: Álbum Gráfico de Mato Grosso
Eduardo Medeiros
Elaine Dupas
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Livia Gaertner
Naira Côrrea Alva
Prefeitura Municipal de Corumbá
Ramona Catarina Ortiz dos Santos



2023

MEU CORUMBÁ

“Amo esta terra em que nasci.
Quando eu morrer, serei terra nesta terra,
e sobre meu peito plantem um Flamboyant
...vou tornar-me em flores e bagas,
vou ouvir risos de crianças brincando.”

“Amo a minha terra
Tanto e de tal maneira
Que ainda depois de pó,
Balançarei ao sabor do vento,
Palparei as palmeiras da avenida...
Seu casario velho...
Pousarei no rio, nos camalotes,
E de bem perto, ouvirei o murmúrio das águas.”

Fadah Scaff Gattass



DEFINIÇÃO DE MUSEU

O museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio. Envolve educação, estudo, pesquisa e entretenimento.

O QUE É MUSEOLOGIA E O QUE ELA ESTUDA

Museologia a área do conhecimento que estuda os museus. Centrada nas ciências humanas, investiga e dialoga com a história, com o papel do homem na sociedade, com formas específicas de funcionamento de museus, pesquisas, conservação de objetos, higienização, manuseio e conservação de obras de artes, animação e difusão. Além de formas de organização, tipologias e funcionamento de museus.

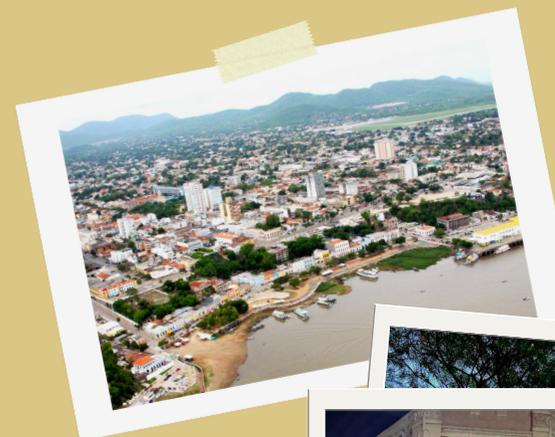
O MUHPAN

MUHPAN é o **Museu de História do Pantanal**, localizado na Rua Manoel Cavassa nº 275, Porto Geral de Corumbá-MS. O Museu de História do Pantanal está estabelecido na fronteira entre o Brasil e a Bolívia, portanto, fronteiro. É um museu de caráter público, visto estar subordinado ao poder municipal de Corumbá e vinculado ao Sistema Brasileiro de Museus. Apresenta na fundamentalização, um circuito de exposições e coleções de objetos que tratam de várias e diferentes fases da ocupação humana na região pantaneira.



CORUMBÁ

Corumbá é uma bela cidade, com mais de dois séculos de vida, cravada no meio do Pantanal do Mato Grosso do Sul, na fronteira com a Bolívia, às margens do rio Paraguai, iluminada na latitude de capricórnio, com baixa altitude (120m), assentada sobre uma laje de rocha calcária, o que a torna severamente quente e úmida (mesmo com baixa pluviosidade) diuturnamente. Possui um sítio urbano planejado há mais de 150 anos, com ruas largas, algumas sombreadas por belos flamboyans, no qual se misturam arquiteturas modernas, rodeadas por prédios que remontam a passagem do séc. XIX para o séc. XX. A cidade de **Corumbá é muito significativa na historiografia regional**, considerando que ela está inserida em um dos municípios mais antigos do Estado do Mato Grosso Sul.



POR QUE CORUMBÁ É CONSIDERADA CIDADE HISTÓRICA?

Pelo número de bens reconhecidamente de caráter histórico, sendo alguns deles, tombados no município de Corumbá. A seguir, uma lista de edificações consideradas históricas:

- Conjunto Histórico, Arquitetônico e Paisagístico de Corumbá-Casario do Porto,
- Ponte Ferroviária Eurico Gaspar Dutra,
- Conjunto de Edificações que compõem o Forte Coimbra e Forte Junqueira,
- Igreja de Nossa Senhora da Candelária, →
- Antiga Prefeitura,



- Antigo Hotel Internacional,
- Antigo Hotel Galileo;
- Antigo Presídio - Casa do Artesão,
- Casarão da Comissão Mista,
- Casarão do Instituto Luiz de Albuquerque (ILA),
- Antigo Mercado Municipal,
- Praça Uruguai,
- Praça da República e
- Jardim da Independência.

PRÉDIO WANDERLEY&BAÍS E O CASARIO DO PORTO DE CORUMBÁ

Esse prédio histórico rico arquitetonicamente, **pertence à área de Tombamento do Casario do Porto de Corumbá**, o que ocorreu inicialmente através do município em 19 de dezembro de 1985, conforme Decreto Municipal nº 129/85 e, posteriormente, através do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 28 de setembro de 1993.



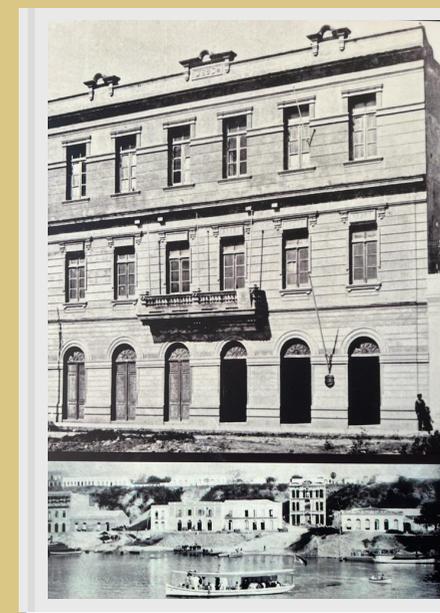
Construído por Firmo José de Mattos para abrigar a sua empresa fundada em 1876, foi, posteriormente, adquirido pelos sócios Francisco Mariano Wanderley, Francisco Bernardo Baís e Alberto Gomes Moreira, tornando-se a maior casa comercial do antigo Mato Grosso.

Você sabia?

Que o prédio abrigou a 14ª agência do Banco do Brasil? E por isso, os correntistas de Corumbá, ainda hoje, têm seus registros associados à agência 0014.

É a história que permanece viva em nosso dia-a-dia.

Além do Banco do Brasil, o Wanderley & Baís abrigou também a Comissão Mista Ferroviária, com a missão de definir o trajeto da ferrovia entre o Brasil e a Bolívia, cujo mapa foi pintado em uma das paredes do segundo piso.



COLEÇÕES DE REFERÊNCIA DO MUHPAN

- Arte Rupestre e Arqueologia,
- Dez Pantanaís,
- Negros,
- Guerra da Tríplice Aliança,
- Navegação pelo Rio Paraguai,
- Trem da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (Trem da NOB),
- Os Pioneiros, dentre outras.

Elas tecem uma trama cultural importantíssima e estabelecem diálogos diretos com a fronteira Brasil-Bolívia.



ARTE RUPESTRE E ARQUEOLOGIA DA REGIÃO PANTANEIRA

Entre **4.000 e 5.500 anos**, pelo menos, conforme ensinamentos de Peixoto e Arruda, o **elemento humano** havia se estabelecido nas áreas de abrangência do **Bioma Pantanal**, desenvolvendo atividades antrópicas, interagindo diretamente com o sistema ecogeográfico da região, e com isso produzindo relações intensas com o ambiente. Isso se traduz na ocupação de espaços na vasta planície pantaneira, onde vestígios dessa ocupação através de diversos artefatos líticos, da arte rupestre e das cerâmicas principalmente, foram deixados e preservados ao longo do tempo, e apresentam a ideia de como o humano sobrevivia nos determinados períodos.



No Muhpan, encontra-se o fóssil da Corumbella Weneri, forma de vida vertebrada mais antiga do mundo. Ela foi descoberta na década de 80 em território corumbaense pelo professor Detlef Hans Gert Walde.

Como em princípio, não existia a concepção atual e teórica de territórios nacionais, nem de limites e, tampouco de fronteiras, é possível entender que a área de atuação dos grupos humanos podia se estender às áreas que hoje constituem os territórios boliviano e paraguaio. Isso, certamente, colaborou para a formação dos povos existentes na região de fronteira entre o Brasil, Bolívia e Paraguai.

O Muhpan guarda ainda a réplica do Equus Amerhippus Vandonii, primeiro crânio fossilizado de cavalo pré-histórico que apareceu no Brasil. O original encontra-se no acervo do Museu Nacional. Estima-se que o animal viveu há 18 mil ou mesmo 30 mil anos, na Pré-História, antes da última Era Glacial, conforme reportagem do Jornal do Brasil, datada do ano de 1982.



O PANTANAL E AS SUBDIVISÕES-DEZ PANTANAIS

O tuiuiú é considerada a ave símbolo do Pantanal. Em fevereiro de 2022, por voto popular em meio eletrônico, cerca de 2 mil corumbaenses escolheram também o tuiuiú como ave símbolo de Corumbá



Ao falarmos em Pantanal, inicialmente, devemos ter em mente que trata de uma **extensão de terra com áreas inundáveis**, que engloba ecossistemas que constituem um **Complexo Biomático** de grande relevância ecológica, que ocorre tanto no **Brasil** como na **Bolívia** (Pantanal de Otuquis) e até mesmo no **Paraguai** (Chaco Paraguai).

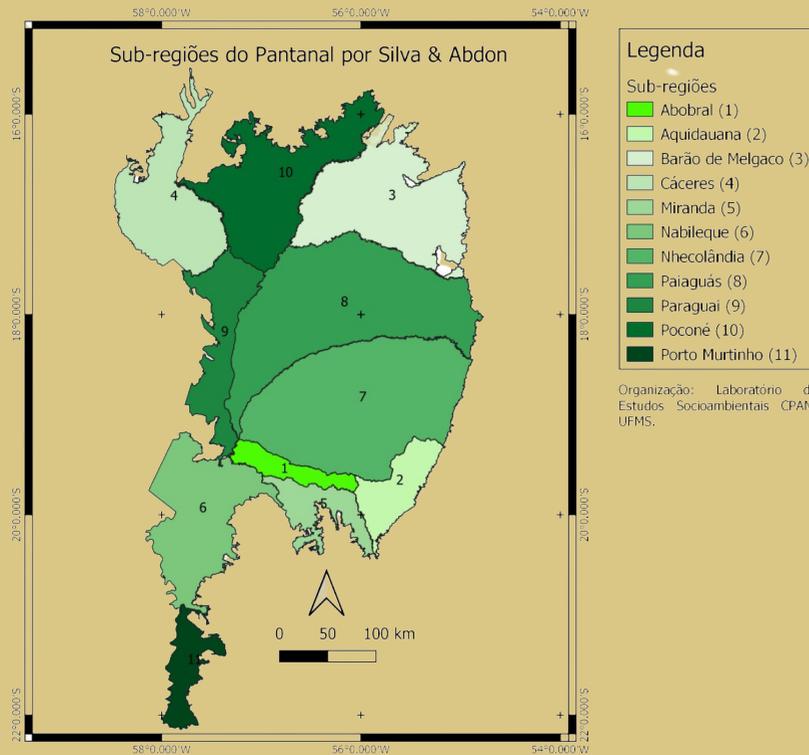
Esse complexo é subdividido em regiões pantaneiras que apresentam diferentes características (clima, flora, fauna, geomorfologia, hidrologia, relevo, etc.) e arranjos espaciais. O Pantanal está situado especificamente entre os paralelos 15° e 20° S e

os meridianos 55° e 60° W, e destaca-se como a maior área úmida contínua do planeta, localizado no Centro-Oeste do Brasil, na região média.



O Pantanal possui uma das maiores diversidades de peixes do mundo. São 263, sendo mais de 85% pertencem à ordem Ostariophysi, da qual fazem parte o pacu, o dourado, a tuvira, o pintado, a cachara e o cascudo

Ele se estende aproximadamente 600 km no sentido N-S e 300 km à L-O, compreendendo 140.000 km², em uma faixa tropical de terras em forma de depressão, causada pelo choque de placas tectônicas, tendo como resultado inicial o soerguimento da Cordilheira do Andes.



A coleção referência **“Dez Pantanaís”**, porém, atualmente o Pantanal é subdividido, internamente em 11 sub-regiões pantaneiras, sendo elas:

Cáceres,
Poconé,
Barão do Melgaço,
Paraguai,
Paiaguás,
Nhecolândia,
Abobral,
Aquidauana,
Miranda,
Nabileque e
Porto Murтинho.



ENCONTRO ENTRE CIVILIZAÇÕES



Sala Expositiva "Os Dez Pantanaís" fica no piso térreo do prédio do Muhpan e mostra toda diversidade da fauna e flora pantaneiras

Cada uma dessas 11 sub-regiões possui características culturais, econômicas, fisionômicas, hidrológicas e ecológica próprias com diferentes ciclos e formas de se perceber a vida, em tais áreas. Porém, o MUHPAN, possui em seu circuito interno a configuração de apenas dez sub-regiões.

A partir de 1.500 D.C., com os “achamentos” de terras de além-mar, ocorre de forma mais proeminente o fenômeno da **colonização das Américas**, por parte dos reinos ibéricos de **Portugal e Espanha**. O Brasil se torna colônia do reino Português, tendo como elemento limitador e, conseqüentemente, fronteirizador inicial, o Tratado de Tordesilhas, que dividia as terras achadas em duas áreas de exploração, a 370 léguas a partir da ilha do Cabo Verde.

A réplica de um elmo espanhol é uma das peças que demonstra a presença do europeu em território pantaneiro





Desse período em diante, ocorreram intensas atividades que foram moldando os territórios e forjando nacionalidades na América do Sul, com seus traços socioculturais mais diversos. O Museu de História do Pantanal (MUHPAN) faz referência a essas atividades, como sendo o

"Encontro entre Civilizações". Com o passar do tempo, outros tratados limitadores de territórios, tais como o de Madri, de El Pardo e de Santo Idelfonso foram estabelecidos redefinindo assim as fronteiras coloniais.

E esse Encontro entre Civilizações, teve continuidade a partir de nações que foram constituídas, no século XIX, no Continente Sul-Americano.



No 2º pavimento do Muhpan, o visitante irá encontrar uma maquete de uma Missão Jesuítica, estratégia de colonização e catequização do território Latino Americano.

ESTRADA DE FERRO NOROESTE DO BRASIL

Há no MUHPAN, um espaço dedicado à Estrada de Ferro Noroeste do Brasil que aborda, sucintamente, objetos e fotos pertencentes aos ferroviários e às composições do maquinário. A Ferrovia Noroeste do Brasil foi uma Companhia Ferroviária com mais de 1.600 quilômetros de extensão.



Uma das mais importantes obras de engenharia no centro Oeste

brasileiro no início do século XX e de certo modo,

impulsionou o desenvolvimento

do sul do antigo estado de Mato Grosso e

contribuiu, inclusive, para o surgimento de novas cidades.

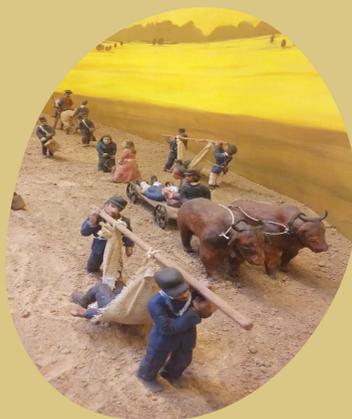


Atualmente, a ferrovia, dentro dos limites do Estado de Mato Grosso do Sul, está operando apenas com o transporte de cargas. Numa das paredes do 2º piso do Muhpan, foi restaurado um grande mural com o mapa da ferrovia entre as cidades de Bauru (Brasil) e Arica (Chile), confeccionado, em 1944, pelo arquiteto Ary Duarte Feber.

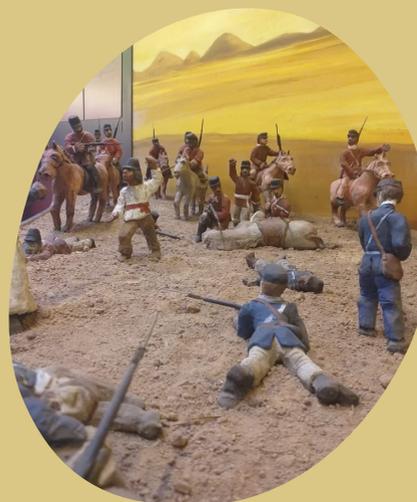
GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA O CONTRA O PARAGUAI

Ocorreu entre os anos de 1864 a 1870 e foi um conflito bélico por disputa territorial, dentre outras coisas, denominado Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai ou simplesmente "Guerra do Paraguai", ocorrida entre o Brasil, antiga colônia do reino de Portugal, e o Paraguai, antiga colônia do reino de Espanha.

Durante a Guerra contra o Paraguai, a cidade de Corumbá foi assolada pelas tropas paraguaias de Solano Lopes entre dezembro de 1864 até 13 de junho de 1867, data quando se deu o episódio da Retomada de Corumbá. A data configura no calendário de feriados do município, mantendo uma solenidade cívico-militar.



Houve um severo impacto socioeconômico, principalmente, nas regiões de fronteira. Além destas duas nações, o conflito teve também, a participação de forma direta da Argentina e do Uruguai.



NA GUERRA

*Prefeito despachou estafeta a cavalo com
uma carta ao Imperador.
A carta anunciava a invasão da cidade por
tropas paraguaias.
E pedia recursos.
Dois meses depois o estafeta entregava a
carta ao Imperador.
Quando os recursos chegaram os paraguaios
não estavam mais.
Levaram quinze moças louças e um pouco
de mantimentos
Para comer na viagem.
Acho que comeram tudo.
(Corumbá é uma cidade cuja população
é bem mesclada de paraguaios.)*

In: Poemas Rupestres, de Manoel de Barros

Você sabia?

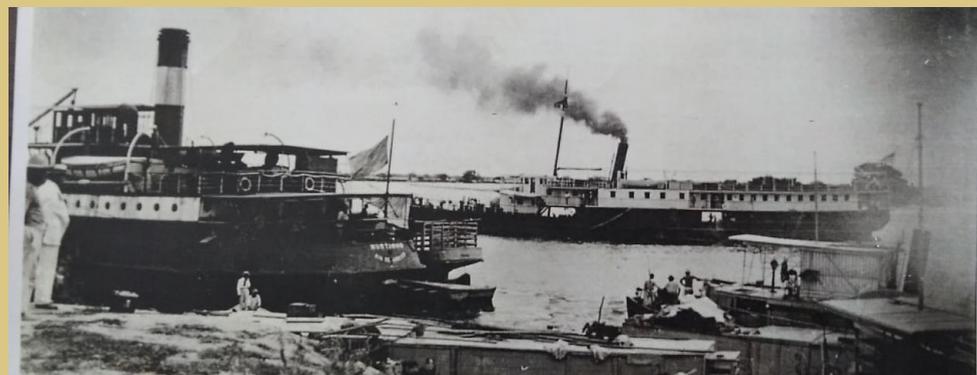
Que a composição "Sonhos Guaranis", dos compositores Almir Sater e Paulo Simões, refere-se justamente ao episódio da Guerra com o Paraguai? O que fica mais evidente nos versos "Se não fosse a guerra/Quem sabe hoje era um outro país (...)/ E as vezes me deixa assim ao/Revelar que eu vim da fronteira onde/O Brasil foi Paraguai". Essa fronteira é a cidade de Corumbá.

PORTO DE CORUMBÁ E NAVEGAÇÃO

Nas primeiras décadas do século XX, a cidade de Corumbá se tornou um polo urbano importantíssimo de convergência socioeconômico-cultural, alcançando o status principal na configuração espacial da região pantaneira. Isso teve como pano de fundo o Pantanal e como válvula propulsora a navegação através do rio Paraguai, o qual é o principal corpo d'água existente na região.



Há no segundo pavimento do MUHPAN, uma exposição com objetos e documentos originais que tratam da navegação através dos rios que compõem a Bacia do Prata. Essa navegação proporcionou e intensificou o comércio em Corumbá, no início do século XX.



NEGROS



O espaço denominado “Negros” está inserido no segundo pavimento do MUHPAN, possui informações importantíssimas sobre o período escravagista em Corumbá e na Província de Mato Grosso. Na Província de Mato Grosso o negro estava ligado a todo tipo de trabalho. Mas é na área da **construção de fortes e moradias** que sua resistência física se destaca, nas edificações urbanas o trabalho do **negro escravizado era fundamental**, era a válvula propulsora, obrigando-o a exercer tarefas extremamente pesadas, porém, condicionados à sua subsistência.

“É sempre a sua presença que resolve os problemas de bilhas d’água, dos barris de esgoto (os tigres), ou do lixo, especialmente nos sobrados mais altos das áreas centrais da cidade”. Em Corumbá, não foi diferente, trabalhadores negros escravizados **exerciam as mais diversas funções que lhes eram impostas, principalmente na área portuária** e se misturavam a outros trabalhadores pobres e livres na luta pela sobrevivência.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E SUGESTÕES DE LEITURA COMPLEMENTAR

ADAMOLI, Jorge. Fisiografia do Pantanal-Vegetação do Pantanal-Subdivisão do Pantanal. In: Recursos Forrageiros Nativos do Pantanal Matogrossense. Brasília: Embrapa. Ministério da Agricultura. 1987.

ALEIXO, L. H. Gaeta. Vozes do Silêncio: subordinação, resistência e trabalho em Mato Grosso (1888-1930) Cuiabá: EDUFMT.1995.

ALINCOURT, Luiz d'. Resultado dos Trabalhos e Indagações Estatísticas da Província de Mato Grosso. Rio de Janeiro: Annaes da Biblioteca Nacional, VIII, 1881.

ALMEIDA, Francisco José de Lacerda. Diários de Viagem. Imprensa Nacional, Rio, 1944.

ALMEIDA, Mario Monteiro. Episódios Históricos da Formação Geográfica do Brasil: Fixação das Raias Com o Uruguai e o Paraguai. Rio de Janeiro. Pongetti.1951.

ALVES, G. Luiz. Casario do Porto de Corumbá. Campo Grande: Fundação da Cultura de Mato Grosso do Sul. Brasília, Gráfica do Senado,1985.

ALVES, Gilberto Luiz. Pantanal da Nhecolândia e Modernização Tecnológica. Campo Grande. Ed. UFMS. 2004.

ARON, R. Paz e Guerra Entre Nações. Brasília. UNB. 1986.

Arquivo Público Biblioteca Municipal Lobivar de Matos. Legislação Municipal. Leis, Decretos e Resoluções. Publicadas até 1927. Corumbá-MS.

ASSIS, Edvaldo de. Contribuição Para o Estudo do Negro em Mato Grosso. Cuiabá. Ed. UFMT. 1988.

Autos de Infração de Postura Municipal. Acervo da Câmara Municipal de Corumbá. 1901.

AYALA, S. Cardoso, SIMON, Feliciano. Album Gráfico do Estado de Mato-Grosso. 1914. Tomo I, II, III. Campo Grande, Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2011.

AZEVEDO, F. Um Trem Corre Para o Oeste. 2 Ed. São Paulo. Melhoramentos, 1959.

BANDUCCI JR, Álvaro. A Natureza do Pantaneiro: Relações Sociais e Representações de Mundo no Pantanal da Nhecolândia. Campo Grande MS. Ed. UFMS. 2007.

BANDUCCI JR, Álvaro. Turismo e Identidade Local: Uma Visão Antropológica. Campinas-SP. 2001.

BAUER, Jonei Eger. A Construção de um Discurso Expográfico: Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner. UFSC: Florianópolis, SC, 2014.

BARROS, Abílio Leite. Gente Pantaneira (crônicas de sua história). São Paulo. 1998.

BEZERRA, M. A. de O. et al. Lagoas do Pantanal: patrimônio ambiental e cultural. Artigo. Revista Dimensão/CPAN. Edição especial. Campo Grande-MS, Ed. UFMS, 2002.

BRASIL, M. C. Rio Paraguai: O “Mar Interno” Brasileiro. Campo Grande. Ed. UFMS. 2014.

BRASIL, M. C. Fronteira Negra: Dominação, Violência e Resistência Escrava no Mato Grosso: 1718-1888. Passo Fundo. RS. EDUPF.2002.

BOGGIANI, Guide. OS CADUVEO. Livraria Itatiaia. Ed. LTDA. Belo Horizonte. 1975.

CORUMBÁ, Documento-Diagnóstico do programa Monumenta. Caderno 1/9. Prefeitura Municipal de Corumbá. 2002.

CANCIAN, E. A. A Cidade e o Rio: Escravidão, Arquitetura Urbana e a Invenção da Beleza. O Caso de Corumbá-MS. Dissertação de Mestrado em História, UFGD, Dourados MS, 2005.

CHAPARRO, G. T. de B. A forma urbana na história do sul de mato grosso: Corumbá (1870 a 1920). Dissertação. UnB. Brasília – DF. 2020.

CAVASSA, M. Memorandum de Manoel Cavassa. Apresentação e Notas. Valmir Batista Corrêa e Lúcia Salsa Corrêa. Campo Grande-MS. Ed. UFMS.1997.

CORRÊA, L. S. “Corumbá: O Comércio e o Casario do Porto (1870-1920)”. In: CORRÊA, V. B.; CORRÊA, L. S.; ALVES, G. L. Casario do Porto de Corumbá. Campo Grande: Fundação de Cultura do Mato Grosso do Sul. Brasília: Gráfica do Senado, 1995.

CORRÊA, V. B. Corumbá: Terra de Lutas e de Sonhos. Brasília. Ed. Senado Federal. Conselho do Senado Federal. 2006. V. 77.

CORRÊA, L. S.; M. C. Escravos: Conflito e Violência em Corumbá. In: História, São Paulo, v. 10, 1991.

CORRÊA. L. S. E CORRÊA. V. B. A História do Pantanal Contada Pelo MUHPAN. 1ª Edição, Via Imprensa Edições de Arte. São Paulo - SP. 2013.

CORRÊA FILHO, Virgílio. Pantanaís Mato-Grossenses: Devassamento e Ocupação. Biblioteca Gráfica Brasileira. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro-RJ. 1946.

COSTA. Gustavo Villela Lima da. As Fronteiras da Identidade em Corumbá-MS: Significados, Discursos e Práticas. Estudos Fronteiriços. Séries Fronteiras. Ed. UFMS., 2010.

CUNHA, Adolpho Jorge da. O Poaieiro de Mato Grosso. São Paulo-SP. Resenha Tributária. 1981.

DUARTE. Alice, Nova Museologia: os pontapés de saída de uma nova abordagem ainda Inovadora. Museologia e Patrimônio. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museológica e Patrimônio. Vol. 6, nº. 1. Unirio. 2013

ESCOBAR, Ildefonso. A Marcha Para o Oeste: Couto Magalhães e Getúlio Vargas. Ed. A Noite. Rio de Janeiro-RJ. 1941.

ESSELIN, Paulo M. A Gênese de Corumbá: Confluência das Frentes Espanholas e Portuguesas em Mato Grosso 1536-1778. Campo Grande-MS. Ed. UFMS. 2000.

FERNANDES, Héléne Marie Dias. Deus Te Salve João Batista: Uma Contribuição Sobre o Banho de São João de Corumbá-MS. Corumbá-MS. Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul. 2012.

FIGUEIREDO, Aline. A Propósito do Boi. Cuiabá-MT, 1994.

FIGUEIREDO, Luiza Vieira Sá de Figueiredo. Das Comissões Telegráficas ao Serviço de Proteção ao Índio: Rondon, o agente público e político. Editora CRV Curitiba-PR, 2013..

FLORENCE, Hércules. Viagem do Tietê ao Amazonas (1825 a 1829). Melhoramentos. São Paulo SP. 1941.

FONSECA, João Severiano da. Viagem ao Redor do Brasil (1875-1878). Rio de Janeiro-RJ. Typ. De Pinheiro. 1880.

GOMES, C. T. A. Fronteiras de Imigração no Caminho das Águas do Prata: Italianos em Mato Grosso- 1856 a 1914. Tese Doutorado, PUC-SP. 2009.

HOLANDA, S. B. Monções. Coleções Estudos Brasileiros da CEB. Rio de Janeiro-RJ. 1945

ICOM. Conselho Internacional de Museus. Disponível em: <https://www.icom.org.br>

IBRAM. Instituto Brasileiro de Museus, Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br>

IPHAN. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br>

IPHAN. Bens Tombados em Corumbá-MS. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes>

OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de. Os Elos da Integração: O Exemplo da Fronteira Brasil - Bolívia. in: Costa, E. A. e Oliveira, M. A. M (Org) Seminário de Estudos Fronteiriços, Ed. UFMS, 2008.

OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de. Os Elos da Integração: O Exemplo da Fronteira Brasil-Bolívia. Estudos Fronteiriços. Séries Fronteiras. Ed. UFMS. 2009.

ITO, Claudemira A. Corumbá: A Formação e o Crescimento da Cidade. Dissertação. FFLCH/USP. São Paulo-SP. 1992.

MAIA, M. C. F. Um Marco Para a Liberdade: "Pedra Branca". Cativos na Fronteira de Corumbá (BR). Puerto Suarez (BOL). Século XIX. Dissertação de Mestrado em Estudos Fronteiriços. UFMS. 2014.

MARQUES, Rubens Moraes da Costa. Trilogia do Patrimônio Histórico e Cultural Sul Matogrossense. 2ªEd. Campo Grande -MS. Editora UFMS, 2007.

MELLO, Raul Silveira. Corumbá, Albuquerque e Ladário. Rio de Janeiro-RJ. Biblioteca do Exército. 1966.

NOGUEIRA. Maria Verônica Sáfydi Alves. A História do Pantanal Contada Pelo MUHPAN. 1ª Edição, Via Imprensa Edições de Arte. São Paulo - SP. 2013.

PEIXOTO, J. L. S. E ARRUDA. A. A. C. de. Pantanal Rupestre. In: Memórias do Pantanal Rupestre. MUHPAN e Fundação Barbosa Rodrigues. 2011. Corumbá-MS.

REIS. Gabrille Alves, Os Museus de Território Enquanto Estratégia de Mobilização do Patrimônio Ambiental e Cultural. Universidade Federal do Rio de Janeiro-RJ. Rev. CPC, São Paulo, V. 16, n. 31 p. 69-94. 2021.

REYNALDO. Ney Iared, Uma Análise Econômica da Província de Mato Grosso na Primeira Metade do Século XIX. Departamento de História e Ciências Econômicas Campus Universitário de Rondonópolis, Universidade Federal de Mato Grosso. Albuquerque: revista de História, Campo Grande, MS, v. 5 n. 10 p. 157-183, jul./dez. 2013.

ROCHEFORT, N.M. D. de. Frontera: Muro Divisorio o Tejido de Relaciones. Estudios Fronterizos, vol. 3, nº 5, UABC – México, 2002.

SANTOS, Denilson Almeida dos. Percepções Socioambientais na Comunidade do Porto Amolar, na Fronteira Brasil-Bolívia: A Relação do Pantaneiro Ribeirinho com o Meio Ambiente. Dissertação de Mestrado. PPGEF. Corumbá-MS, 2013.

SENA, Divino Marcos de. Entre articulações e conveniências na Câmara Municipal de Corumbá: Relações de poder, laços sociais e atuação política no final do Império. Tese (Doutorado em História) – UFGD, Dourados-MS. 2017.

SOUSA, João Carlos de. Sertão Cosmopolita: tensões da modernidade de Corumbá (1872-1918). História Social-Tese. São Paulo. Editora Alameda, 2008. 33pp

TARGAS, Zulmária Izabel de Melo Souza. As casas comerciais importadoras/exportadoras de Corumbá (1904-1915). Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História- PPGH/UFGD. 2012.

